



BOLETIM ICOM Portugal

Série III n.º 3 Maio 2015

EDITORIAL

Viver em equilíbrio com a natureza, utilizar os recursos de forma equilibrada, reduzir o impacto no ambiente, desenvolver práticas sustentáveis. No seio do ICOM esta discussão não é nova, mas este ano o tema do Dia Internacional dos Museus - *Museus Para uma Sociedade Sustentável* - vem lembrar a actualidade da temática e as responsabilidades dos museus nesta matéria. O que podem os museus fazer para responder a este repto? Neste boletim procuramos partilhar informações, ideias e alguns recursos sobre o tema.

O caso Serralves, texto *Em Foco*, é ilustrativo das possibilidades de intervenção dos museus no âmbito do tema em destaque neste boletim. A instituição assumiu nos últimos anos o compromisso de colocar em prática iniciativas mais sustentáveis do ponto de vista ambiental. Isso foi feito através de medidas internas para a redução do impacto da Fundação no ambiente, mas também na sensibilização junto dos públicos para os valores ambientais e para a preservação da biodiversidade. O mérito do trabalho desenvolvido foi distinguido em 2014 na 9.ª edição do prémio EDP Energia Eléctrica e Ambiente, que premeia entidades que melhoram a sua *performance* em termos de eficiência energética e promovem a qualidade ambiental. A dupla brasileira, Mário Chagas e Cláudia Storino, e o português Rui Silvestre oferecem duas *Perspectivas* complementares sobre os desafios da sustentabilidade. Na entrevista a Luís Raposo, a dimensão económica da sustentabilidade é sublinhada, sendo apontados alguns dos problemas actuais dos museus e possíveis caminhos de futuro. Na secção *In Memoriam* prestamos homenagem a profissionais que nos deixaram: Luís Casanovas, Jorge Estrela, Madalena Cabral e o mexicano Carlos Flores Marini. Nas *Notícias ICOM* incluem-se os comentários de vários colegas sobre a sua participação em conferências e encontros, e, em *Breves*, uma selecção de notícias. Conheça os destaques que seleccionámos no que diz respeito a publicações e eventos em agenda nos próximos meses.

Em 2015 celebra-se o Ano Europeu do Património Industrial, razão pela qual dedicamos o próximo número ao património industrial. Colabore!

Ana Carvalho

ÍNDICE

MENSAGEM DO PRESIDENTE	3
EM FOCO	5
MUSEUS PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL: O CASO DE SERRALVES	5
PERSPECTIVAS	8
MUSEUS PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL: QUE FUTURO?	8
ENTREVISTA COM LUÍS RAPOSO	12
“IN MEMORIAM”	19
NOTÍCIAS ICOM	25
BREVES	35
PUBLICAÇÕES	37
SUGESTÕES DE LEITURA NOVAS EDIÇÕES	37 39
AGENDA	44
CONFERÊNCIAS, ENCONTROS, DEBATES	44
FORMAÇÃO	46
CHAMADA PARA PROPOSTAS	47

MENSAGEM DO PRESIDENTE



No mês de Maio os museus de todo o mundo preparam-se para comemorar o Dia Internacional dos Museus a 18 de Maio de 2015. O tema deste ano é: *Museus Para uma Sociedade Sustentável* e destaca o papel que os museus podem desenvolver para sensibilizar o público sobre a necessidade de uma sociedade menos perdulária, mais solidária e que utiliza os recursos com mais respeito pelos ecossistemas. Esta data é o momento de ensaio para novas actividades, parcerias e colaborações com outras instituições, sendo um período em que as equipas dos museus mostram a sua grande capacidade de trabalho e originalidade.

Segundo o presidente do ICOM, Hans-Martin Hinz: «Os museus, enquanto educadores e mediadores culturais, adoptam cada vez mais um papel vital em contribuir para a definição e implementação de desenvolvimento e práticas sustentáveis. Os museus devem ser capazes de assegurar a sua função de salvaguarda do património cultural, pois é possível que aumente a precariedade dos ecossistemas, a instabilidade política e os desafios associados a tudo isto, sejam naturais ou provocadas pelo homem. [...] Temos de fazer tudo o que está ao nosso alcance para garantir que os museus façam parte do principal motor cultural de desenvolvimento sustentável no mundo».

Em 1977, o ICOM instituiu o Dia Internacional dos Museus para sensibilizar o público para o papel dos museus no desenvolvimento da sociedade, e, desde então, a popularidade do evento continua a crescer. Em 2014, o Dia Internacional dos Museus alcançou uma participação recorde: mais de 35 mil museus em 145 países.

Em Março realizámos as XII Jornadas da Primavera, com o tema *Educação, Museus e Europa*. Neste encontro participaram membros do Conselho da Europa e de museus portugueses com experiência na educação formal e não formal, com a apresentação de diferentes experiências na área da formação de diferentes públicos. No mesmo mês, a 25 e 26, decorreu no Museu Nacional de Arqueologia e no Palácio Nacional da Ajuda, um seminário internacional do Conselho da Europa e do ICOM Portugal com o tema: *Histórias Partilhadas Para uma Europa Sem Linhas Divisórias*. Reuniram-se professores, técnicos de museus e do Conselho da Europa para debater o ensino formal (escolas) e não formal (museus), sendo apresentado em Portugal o *e-book Shared Histories for a Europe Without Dividing Lines (2014)*, que explora o diálogo potencial entre o texto e a internet, criando conexões entre tópicos, pessoas e instituições. O diálogo entre o virtual e o grupo de trabalho foi transportado para um encontro que se quis de partilha, com diálogo e discussão dos temas abordados.

A nível nacional continuamos sem saber como se vão operacionalizar as mudanças de tutela de museus da administração central para as autarquias, no que diz respeito aos contratos-programa de transferência de técnicos, bens patrimoniais e sustentabilidade dos museus. A situação é de desconhecimento e de reserva, numa altura em que alguns dos museus autárquicos atravessam também a escassez de recursos, a inexistência de dirigentes técnicos e alterações orgânicas, retirando-lhes frequentemente identidade e autonomia técnica.

Outra situação que nos preocupa, ao nível da administração central, é a nova e rígida regulamentação do preço das visitas guiadas nos museus sob tutela da Direção-Geral do Património Cultural, que faz recuar décadas o tipo de público-alvo dos serviços educativos, novamente só para escolas... Como aliciaremos a população activa para pequenos programas à hora de almoço ou outros, se lhes dissermos que além do valor da entrada vão pagar, por exemplo para um grupo de 5 pessoas, mais 60 euros pela visita? Voltamos às escolas e aos “séniores”... mais abonados (!) com esta nova tabela. Que incremento à cidadania pretendemos quando se reduz dos 14 para os 12 anos a entrada gratuita em museus?

Enquanto representante do ICOM enfatizo a nossa preocupação com a situação precária dos profissionais de museus, a falta de recursos humanos e financeiros, as inúmeras incertezas orgânicas e a consequente instabilidade e sentimento de insegurança nos profissionais da área.

A nível internacional, o ICOM Portugal deu o seu contributo para uma nova recomendação para os museus que poderá vir a ser adoptada ainda em 2015. Na actualidade, o ICOM, em estreita colaboração com a UNESCO, prepara uma recomendação com o objectivo de proteger e promover os museus, assim como valorizar a sua diversidade e o papel que desempenham na sociedade. A recomendação parte do princípio de que todos os museus partilham uma série de missões entre as quais se encontram a difusão da cultura e a educação. Além disso, actuam a favor da justiça, da liberdade e da paz. Acima de tudo, os museus contribuem para lançar as bases de uma solidariedade moral e intelectual entre as pessoas e garantir que o acesso à educação seja igual para todos.

De 1 a 3 de Junho o ICOM Portugal participará na assembleia-geral ordinária anual do ICOM em Paris. Entre os vários assuntos a debater com todos os países representados serão tratadas questões como a escolha das cidades Cincinatti ou Quioto, ambas candidatas para celebrar a 25.^a conferência geral do ICOM em 2019. A conferência geral é celebrada a cada três anos e reúne a comunidade museológica mundial para tratar o tema escolhido pelos profissionais dos museus.

José Alberto Ribeiro

EM FOCO

Museus Para uma Sociedade Sustentável: O Caso de Serralves

Marta Morais, Fundação Serralves

A Fundação de Serralves é uma instituição cultural de relevância nacional e internacional, focada na prossecução da sua missão: estimular o interesse e o conhecimento de públicos de diferentes origens e idades pela arte contemporânea, pela arquitectura, pela paisagem e por temas críticos para a sociedade e seu futuro, fazendo-o de forma integrada com base num conjunto patrimonial de excepção, no qual se destacam o Museu de Arte Contemporânea e o Parque.

Desde a sua abertura ao público em 1989, a Fundação foi visitada por mais de 6,5 milhões de pessoas, tendo o Museu de Arte Contemporânea recebido, desde a sua inauguração em 1999, mais de 5 milhões de visitantes. Consciente da sua presença e influência junto das comunidades a nível local, regional e internacional, a Fundação pretende constituir-se como exemplo para a sociedade em geral. Adoptando uma atitude proactiva na abordagem das questões ambientais, a Fundação decidiu realizar, em 2009, um diagnóstico ambiental, com o objectivo de recolher e sistematizar a informação acerca da sua gestão e desempenho ambiental.

No seguimento desta avaliação, e com o propósito de um maior compromisso a nível de melhoria contínua, a 23 de Maio de 2011 a Fundação assinou um protocolo de cooperação com a Agência Portuguesa do Ambiente para a implementação faseada do Sistema Comunitário de Ecogestão e Auditoria (EMAS). Estas fases incluíram um levantamento ambiental, que teve em conta todos os aspectos ambientais das actividades e serviços da Fundação, assim como os métodos para avaliar esses aspectos, os requisitos legais aplicáveis, e as práticas e procedimentos de gestão ambiental existentes; o desenvolvimento e implementação de um Sistema de Gestão Ambiental (SGA); a realização de uma auditoria interna e a elaboração de uma Declaração Ambiental. No final, todo o processo foi validado por um verificador ambiental acreditado.

Em 2013 obteve-se o registo EMAS, assim como a certificação pela norma NP EN ISO 14001, aplicáveis às actividades realizadas na Fundação: exposições e actividades de artes performativas; constituição da colecção de obras de arte; biblioteca e arquivo; educação artística e ambiental; conservação do Parque; realização de conferências,

seminários, palestras, cursos e *workshops*; indústrias criativas e actividades comerciais associadas.

Com a implementação do SGA surge a preocupação de minimizar os impactes ambientais provocados pelas actividades da Fundação, prevenir a poluição e contribuir activamente para o desenvolvimento sustentável, garantindo o envolvimento dos colaboradores, assim como de todas as partes interessadas. O SGA surgiu como uma ferramenta que permite apoiar a gestão a operar sobre processos definidos e com elevados padrões de sustentabilidade e transparência.

Desde o início do processo de implementação do SGA que a Fundação tem vindo a adoptar medidas para a melhoria do seu desempenho ambiental, sobretudo ao nível dos consumos de energia e água, e de produção de resíduos. Para diminuir o consumo de energia, foram tomadas acções como a redução da potência das lâmpadas, assim como do tempo de iluminação exterior e das zonas técnicas da Fundação; houve uma implementação de sensores de movimento para acender/apagar luzes; procedeu-se ao encerramento de todas as áreas administrativas a partir das 20h00; e foi realizada uma melhoria das condutas de aquecimento, ventilação e ar condicionado (AVAC). No campo do consumo de água, foram instalados caudalímetros nos poços, o que permitiu a monitorização do consumo e procedeu-se à diminuição do caudal de água nas torneiras dos edifícios; houve ainda a sensibilização de todos os colaboradores para o caso de detecção de fugas de água. Ao nível da prevenção da poluição e gestão de resíduos é feita a monitorização da quantidade de resíduos gerados; foram colocados contentores para separação de resíduos; procedeu-se à identificação de todos os locais onde se utilizam produtos químicos e foi feita a instalação de bacias de retenção para os mesmos.

Estas são algumas das medidas adoptadas pela Fundação que são utilizadas em conjunto, incluindo a aposta na sensibilização de todos os colaboradores em relação às questões ambientais, assim como na procura da sua participação de forma activa e transparente na melhoria do desempenho ambiental e na prevenção da poluição. Um exemplo disso é o projecto “Ideias Verdes”, que consiste em dicas sobre boas práticas ambientais enviadas por correio electrónico a todos os colaboradores e entidades externas que desenvolvem a sua actividade em Serralves.

A implementação destas medidas e da gestão de recursos tem uma repercussão na avaliação do desempenho ambiental da Fundação. Ao nível da energia, este empenho traduziu-se numa redução do consumo de 20,9% de 2011 para 2013. No consumo de água, a evolução entre 2011 e 2013 foi positiva ao reduzir-se em 13,3% o consumo de água proveniente das Águas do Porto. Também ao nível dos combustíveis, a Fundação tem procurado diminuir os gastos. Esta preocupação traduziu-se numa diminuição do consumo de gasóleo em 10,0% relativamente a 2011.

Além das medidas implementadas e da preocupação com os consumos, a Fundação de Serralves é responsável por um conjunto de iniciativas e actividades que procuram sensibilizar o público, tais como visitas guiadas ao Parque, oficinas de educação ambiental ou actividades para famílias, que oferecem um conjunto de actividades centradas na aprendizagem de conteúdos de ciências, através da experiência e observação, ao mesmo tempo que estimulam a curiosidade. Anualmente são realizadas as “Conversas sobre Ambiente”, um projecto com a Liga para a Protecção da Natureza, em que são discutidas diversas questões ambientais actuais, estando sempre associadas a um fio condutor definido para cada ciclo. É ainda frequente a realização de cursos, *workshops* e conferências com temáticas ligadas ao ambiente como, por exemplo, o curso de planeamento em permacultura, a conferência *RIO+20: Economia Verde e Desenvolvimento Sustentável* em 2012 e a conferência internacional *Educar para o Património Comum - Do Intangível Cultural ao Intangível Natural* em 2013. Já este ano teve lugar a conferência *EMAS e a Cultura do Ambiente*.

Serralves é também reconhecida pelos seus grandes eventos como o “Serralves em Festa” ou a “Festa do Outono”, eventos que atraem muitos visitantes e promovem um maior contacto com a biodiversidade. Nestas iniciativas os visitantes são alertados para a necessidade de uma correcta separação de resíduos, através de sinalética no local e de *newsletters*, e é feita uma distribuição de sacos para a separação de resíduos nas bancas de restauração presentes. Complementarmente, foi ainda criada uma Brigada de Ambiente, através da qual se procura sensibilizar os visitantes para a necessidade de preservação do Parque e para a sua biodiversidade.

A gestão ambiental é um processo contínuo e exigente, mas sinónimo de credibilidade e transparência, traduzindo-se não só num melhor desempenho ambiental e financeiro, mas também numa melhor gestão de riscos e de oportunidades e numa maior motivação e envolvimento dos colaboradores e demais partes interessadas. Estes factores levam a Fundação de Serralves a continuar este percurso e a procurar fazer cada vez mais e melhor.

PERSPECTIVAS

Museus Para uma Sociedade Sustentável: Que Futuro?

Mário Chagas, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil

Cláudia Storino, directora do Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx, Brasil

Durante a Conferência Geral do ICOM Internacional, realizada na Argentina, em 1986, tendo como tema *Museologia e Identidade*, o museólogo croata Tomislav Sola levantou as seguintes questões: «Podemos tolerar que umas dez mil espécies estejam desaparecendo irreversivelmente a cada ano do nosso planeta? Podemos aceitar que a natureza esteja sendo empurrada para as reservas? Devemos tolerar que a bioengenharia interfira na ordem natural, se é que ela ainda existe? Devem as nossas preocupações profissionais e éticas terminar numa orgulhosa posse do último espécime das espécies? Os museus estão aqui para documentar passivamente esses rumos desastrosos ou para fazer algo quanto a eles?» (Sola *apud* Chagas 1996, 97–101).¹

Estas graves questões foram revisitadas durante o simpósio *Museus, Biodiversidade e Sustentabilidade Ambiental*, realizado em 2010, pela Fundação Osvaldo Cruz em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus, no Museu Histórico Nacional, cujo resultado foi publicado em 2014.

Quando em 2015, o ICOM convida os museus e os seus profissionais, os pesquisadores, professores e estudantes de museus e Museologia a se debruçarem sobre o tema “Museus Para uma Sociedade Sustentável”, está claro que estamos voltando a um assunto antigo, que continua urgente, candente e mal resolvido no âmbito dos museus.

A prática da reciclagem e do artesanato desenvolvido a partir do excesso de garrafas de plástico lançadas no mercado, por exemplo, ainda que abraçada por alguns museus como uma novidade contributiva, como um benefício para o meio ambiente, não produz solução e contribuição alguma e não tem nenhuma potência crítica e transformadora. Valorizar e incentivar a reciclagem artesanal de garrafas de plástico utilizadas como embalagens de refrigerantes, água mineral e outros produtos, sem fazer uma crítica contundente ao sistema produtor de garrafas de plástico derivado do

¹ Chagas, Mário. 1996. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora.

petróleo², é pura ingenuidade e beira a hipocrisia. É sabido que esse material, seja na condição de garrafa, seja na condição de uma flor de artesanato, leva em torno de 400 anos para se decompor. Além de tudo isso, a velocidade de produção das garrafas de plástico pelas grandes empresas e indústrias é muito superior à velocidade de trabalho de qualquer programa artesanal.

O desafio proposto pelo ICOM leva-nos a actualizar as questões de Tomislav Sola. É fundamental que os museus mudem de comportamento e que tenham um papel mais activo e participativo no que se refere aos desafios em defesa da diversidade e da sustentabilidade ambiental.

É preciso construir outros sentidos e referências. Os museus que brincam de sustentabilidade a partir da lógica da reciclagem artesanal da matéria plástica estão, em rigor, contribuindo para a manutenção de uma sociedade insustentável.

É preciso ir mais longe, é preciso denunciar e criticar o estímulo generalizado ao consumo como um dispositivo básico de sustentação do sistema capitalista. O consumo incessante e insistente, insinuante e insidioso. Todos são estimulados a consumir: mais coisas, mais petróleo, mais energia, mais água, mais roupas, mais terras, mais alimentos, mais garrafas de plástico, mais bolsas, mais sapatos, mais isso e mais aquilo. Consumir e consumir sempre e cada vez mais é a lógica que movimenta o mundo contemporâneo, o que é perverso, destrutivo, insustentável.

Se utilizarmos como referência o corpo humano, não será difícil compreender que o crescimento biológico não é eterno. O desejo de um crescimento económico eterno e para todo o sempre, se for analisado com cautela e isenção, revelará a sua inconsequência. Não é possível e muito menos necessário crescer sempre, crescer doentamente, crescer sem parar. Esse desejo é uma espécie de Síndrome Invertida de Peter Pan. É preciso sublinhar ainda que, assim como o crescimento do corpo físico não corresponde ao crescimento emocional e intelectual, também um hipotético crescimento económico não corresponde à melhoria da qualidade de vida daqueles que são os principais responsáveis por esse mesmo crescimento económico.

Por tudo isso, em nosso entendimento, debater, enfrentar e lutar contra o consumo excessivo, o consumo como doença social é uma tarefa do museu contemporâneo. O consumo inconsciente e exagerado, bem como o desperdício, estão presentes entre os indivíduos e as empresas. Enfrentar esse tema (ao lado daqueles propostos por Tomislav Sola) faz parte dos desafios museológicos contemporâneos. Para isso, os museus precisam, em primeiro lugar, assumir como pauta prioritária a questão da “sustentabilidade ambiental” nos termos em que aqui estamos examinando, e, em

² No Brasil estas embalagens são popularmente conhecidas como “PET” ou “garrafas PET”. Trata-se de uma referência ao Politereftalato de etileno, um polímero termoplástico, desenvolvido por dois químicos britânicos, Whinfield e Dickson, em 1941.

seguida, lançar mão de todos os seus recursos (que não poucos) a favor dessa causa. Falamos de exposições de curta e de longa duração, de seminários e congressos, de exposições virtuais, blogues, Facebook, visitas orientadas, criação de percursos especiais no museu e no território, utilização de acervos institucionais e operacionais, publicações nas mais diferentes *media*, uso de aplicativos inovadores e muito mais.

As contribuições de um museu para uma sociedade sustentável podem ser singulares, inovadoras, preciosas e mesmo extraordinárias. Tudo vai depender do lugar social que esse museu ocupa e das energias e forças criativas que é capaz de movimentar.

Museus Para uma Sociedade Sustentável: Que Futuro?

Rui Silvestre, director executivo da Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, Porto

O sector dos museus talvez seja um dos que tem melhor articulação a nível mundial. As estruturas que estudam, congregam e promovem este sector têm excelentes recursos humanos e materiais disseminados pelo mundo e os profissionais do sector têm acesso fácil a informação, directivas, códigos de conduta, exemplos e casos de estudo, para orientar a sua acção nos mais diversos campos. Podemos tomar como exemplo o *website* do ICOM Internacional <http://icom.museum/> e, especificamente no contributo para uma sociedade sustentável, o *website* da Associação de Museus Inglesa www.museumsassociation.org/campaigns/sustainability/sustainability-report.

No entanto, e sabendo das enormes dificuldades da maior parte dos museus nacionais, julgo que a principal questão que se coloca aos museus no nosso país (e permito-me dizer, a muitos outros equipamentos culturais), é a sua própria sustentabilidade onde a questão financeira assume particular relevo.

Mas os tempos atuais têm também mostrado que é possível, mesmo em contexto de grandes limitações e de grandes ameaças, construir ciclos virtuosos em que os efeitos positivos se multiplicam e assim se liga a sustentabilidade de uns à de todos.

Talvez a resposta ao desafio da sustentabilidade possa ser encontrada na razão da existência de cada museu ou de cada instituição e seja esse o contributo para a sustentabilidade da sociedade ou comunidade em que se integra ou à qual se dirige, “apenas” pelo cumprimento da sua missão.

Esse contributo será tanto maior quanto mais definido estiver o conceito estratégico do museu, mais clara for a sua missão, mais acessível for à comunidade e com esta estabelecer uma relação de efectiva empatia e envolvimento.

Hoje os museus são um *media* onde a comunidade se confronta, discute e reflecte. Um *media* entre herança e futuro, entre realidades e expectativas, onde também se constroem factores de integração, identificação e de pertença. Onde se constrói e se testa a comunidade.

Temos tido alguns excelentes exemplos de como os bens culturais têm esse poder extraordinário de contribuir para a identificação e reforço dos elos da comunidade. Se olharmos para as recentes classificações de Património Cultural Imaterial da Humanidade (Fado e Cante Alentejano) percebemos como cada uma destas se traduziu imediatamente num espaço de reforço e identificação da comunidade com esse mesmo património.

Como exemplo, embora noutra área e numa situação limite, temos o caso do Coliseu do Porto. Há 20 anos a Cidade/Comunidade soube unir-se e congregar vontades para manter seu um património que já lhe pertencia cultural e emocionalmente.

Talvez possamos assim perspectivar qual, à escala de cada museu e no enquadramento específico da sua missão, poderá ser o papel de cada um na construção de identidade e património social e cultural comum do que resultará o reconhecimento pela própria sociedade da sua importância.

Nesse sentido o principal desafio dos museus é concretizar a sua função de *media* para além do seu papel de conservação ou estudo. E isso requer um trabalho permanente de comunicação, de acesso e de construção de pontes com a comunidade. Uma atitude de abertura, de conhecimento e entendimento dos comportamentos, receios e expectativas dessa mesma sociedade.

Temos entre nós excelentes exemplos de museus que souberam construir esse papel de relacionamento com a comunidade. Museus que são hoje factor de identificação da comunidade, que são parte reconhecida do seu património, que são valores de segurança e de identificação, e que dessa forma contribuem para a sua sustentabilidade e da sociedade, tendo construído um ciclo virtuoso de efeitos e interacções.

É sustentável o que for relevante para a comunidade e esta apoiará e lutará sempre pelos bens e valores com que se identifica. Assim, o futuro de cada museu dependerá sobretudo da relação emocional que conseguir estabelecer com a comunidade, pela abertura, pelo acesso, pela forma como seduz, surpreende e envolve os seus públicos e, porque não, também pela imagem que assim constrói junto dos outros.

ENTREVISTA com Luís Raposo



Luís Raposo, membro da direcção do ICOM Europa, teve a seu cargo uma das comunicações inaugurais da conferência internacional *Museus e Políticas* que teve lugar em S. Petersburgo (Rússia), entre 8 e 12 de Setembro de 2014, organizada pelas Comissões Nacionais do ICOM da Rússia, da Alemanha e dos Estados Unidos e na qual participaram cerca de 450 profissionais de museus provenientes de todo o mundo.³

Nesta entrevista encontramos o essencial sobre a participação de Luís Raposo, na defesa do carácter “não lucrativo” dos museus, conformemente à definição do ICOM, e a necessidade de novas estratégias de gestão, nomeadamente no reforço das políticas públicas, necessidade de reorientar os museus para as suas colecções e comunidades e pensar novas práticas de administração conciliadoras de valores de cidadania e de “mercado”.

ICOM PT – Qual a relevância da “Declaração de Lisboa” nesta conferência?

A chamada “*Declaração de Lisboa*”, que, como se sabe, veio mais tarde a ser usada como base para uma resolução global do ICOM, adoptada unanimemente na conferência do Rio de Janeiro em 2013 (*Viability and Sustainability of Museums Through the Global Financial Crisis*), constituiu um texto de referência essencial da conferência de S. Petersburgo. Estou convencido que foi essa Declaração que esteve na base, pelo menos inicialmente, do convite que me foi dirigido e, claro, representou uma das principais referências da intervenção que aí realizei. Foi-me aliás caro verificar que a mesma Declaração já era do conhecimento de numerosos participantes, tendo sido reproduzida em dezenas de sítios na internet, meios de comunicação social, publicações e boletins informativos, trabalhos académicos e também traduzida, no todo ou em parte, para diversas línguas nacionais. Qualquer rápida pesquisa no Google ou outro motor de busca permitirá reconhecer a extraordinária difusão deste documento. Confesso que esta expansão me surpreendeu bastante.

³ Veja-se o resumo da conferência *Museus e Políticas* no *Boletim ICOM Portugal* n.º 2 (série III), Jan. 2015, p. 24–25 (<http://www.icom-portugal.org/>).



A “Declaração de Lisboa” foi publicamente apresentada no âmbito da conferência *Public Policies Toward Museums in Times of Crisis*, organizada pelo ICOM Portugal e pela Regional Alliance ICOM Europe, que se realizou nos dias 5 e 6 de Abril de 2013 no Museu Nacional de Etnologia em Lisboa.

ICOM PT – Como vê as perspectivas políticas futuras na Europa em relação aos museus?

Confesso que estou algo apreensivo, pelo menos no futuro próximo. A Europa encontra-se à deriva, parasitada, senão já engolida em algumas regiões (sobretudo a Leste), por ideologias ultraliberais que nem o Estado Social bismarkiano estaria disponível para defender. Bem sei, que tudo muda e que sobretudo este tipo de ideologias de curto prazo mudam mais rapidamente. Mas o receio existe, e eu partilho-o, de que possa haver tentação de sucumbir às “leis do mercado”, à ideia de que tudo o que possa dar lucro, deva ser privatizado; e tudo o que dê necessariamente prejuízo, seja mantido no domínio público, se for considerado essencial e lá onde os impostos o possam pagar. Com vistas tão curtas, a memória pode ser considerada como inútil, luxuosa até. Ora, é no terreno da memória que se movimenta a maior parte dos museus.

“... os museus são por excelência uma imagem de marca europeia”

Como, porém, a vida me ensinou desde cedo, desde que em jovem via à minha volta miséria e injustiça social, escondidas ambas debaixo do tapete, que nada deve ser dado por adquirido e que tudo resulta do nosso esforço colectivo, sobre o qual acresce (ou antecede, se quisermos) a nossa ética e exigência pessoais, encaro o futuro quase com o mesmo optimismo do passado. Digo quase, porque confesso ter progressivamente vindo a descreer não somente nas grandes utopias globais, como em muitos casos da própria bondade humana, quer dizer, do vencimento da generosidade sobre o calculismo. Mas nada disto me afecta na postura permanente de luta pelas

ideias que me parecem ser as melhores. E talvez a Europa se reerga mais depressa do que imaginamos... Se assim acontecer, os museus, que são na sua origem uma invenção europeia fruto da generosidade cívica, poderão também ganhar nova centralidade. E a verdade é que, como demonstrei noutra local («[A Economia dos Museus e dos Parques Temáticos, na América e na “Velha Europa”](#)», in *Artecapital*, 2013) e repeti em S. Petersburgo, os museus são por excelência a imagem de marca europeia, contrariamente aos parques temáticos, que são sobretudo uma imagem de marca norte-americana e asiática.

Não sejamos, pois, demasiado pessimistas. Nesta referência aos museus como “imagem de marca” encontra-se a substância do que poderá ser um optimismo de longo prazo. Aliás, observadas as estatísticas, torna-se evidente que o maior ou menor investimento em museus nos diferentes países europeus não decorre essencialmente das suas respectivas riquezas económicas, mas sobretudo das suas posturas políticas, nomeadamente no domínio da configuração das suas identidades nacionais. Talvez por sermos um Estado-Nação sedimentado em quase nove séculos de história, tenhamos em alguma medida baixado a guarda da nossa identidade. Penso que o tempo nos ensinará como pode ser nefasta uma tal postura.



Museu Hermitage, 2012 © [Kwong Yee Cheng](#)

ICOM PT – Foram abordadas novas estratégias para o financiamento dos museus?

Sim, com certeza. De um modo geral o alinhamento dos presentes, pelo menos daqueles mais intervenientes, estremeou-se em modelos de financiamento suportados pelas chamadas “leis do mercado” e os que insistiam nas responsabilidades especiais do Estado. Neste sentido foi-me especialmente interessante acompanhar o debate estabelecido entre o director-geral do Museu Hermitage, grande defensor dos modelos empresariais e de mercado, não obstante a crise por que já passa o referido Museu e que se antevê vir a aprofundar-se muitíssimo nos anos próximos, e os vários colegas

russos provenientes de pequenos museus, especialmente de remotas províncias rurais, vigorosos, e por vezes acalorados, defensores do predomínio do paradigma público.

“... os museus terão de ser cada vez mais pró-activos no desenvolvimento de visões estratégicas e programações indutores de receita própria...”

Pelo meu lado, insisti sobretudo no carácter “não lucrativo” dos museus, conformemente à definição do ICOM. Não tenho e nada temos no ICOM a opor que qualquer “empreendedor”, como agora se diz, pessoa singular ou colectiva, inclusive, comunidade, pretenda realizar um projecto de animação cultural, a que chame “museu” (isto lá onde a lei, com no caso português, não proteja a designação) e no fundo mais não queira do que realizar lucros, para distribuição accionista. Os exemplos abundam, especialmente em torno de produtos icónicos de certas localidades ou regiões, frequentemente alimentares (v. por exemplo, os casos do “Museu” do Chocolate, em Bruxelas; do “Museu” do Presunto, em Madrid; do “Museu” do Pão, em Seia; ou do “Museu” da Cerveja, em Lisboa). Isto não são, todavia, museus.

Tendo por base esta separação de águas, pude na minha intervenção defender soluções mais plurais. Primeiro, porque os museus são plurais, eles mesmos. Uns públicos, outros privados; uns com acervos de referência nacional, regional ou local, outros com colecções circunstanciais, não tuteladas por legislações públicas.

Nesta perspectiva começaria por salientar que está fora de dúvida a necessidade de continuação, e mesmo reforço, do investimento público em museus. Isto é especialmente válido para países como Portugal, onde os gastos em cultura (e dentro dela sobremaneira em museus) são dos mais baixos da Europa, não em termos absolutos, note-se, mas em percentagem do PIB e de paridades do poder de compra. Convém sublinhar isto, para que não se diga que os gastos em cultura e museus são aqueles que o país pode suportar, a crise é a que é e simplesmente “não há dinheiro”. Nada disso, trata-se sobretudo de uma questão de prioridades políticas e de projecto cívico nacional. Repare-se que nos gastos em educação, Portugal encontra-se em 8.º lugar do PIB no conjunto de 25 países da União Europeia. Nada mau, portanto. Mas nos gastos em cultura, a posição é de 23.º em 27 (Cf. o nosso texto «[Os Museus, a Crise e Como Sair Dela](#)», in *Artcapital*, 2015). Péssimo. Ou seja, o Estado não se pode demitir das responsabilidades que todos lhe outorgamos e para as quais pagamos impostos. E, nos museus e em Portugal concretamente, existe ainda um imenso caminho a percorrer

até que tenhamos atingido pelo menos uma média europeia condicente com a nossa riqueza nacional.

Mas é forçoso reconhecer que também os museus terão de ser cada vez mais pró-activos no desenvolvimento de visões estratégicas e programações indutoras de receita própria...

“... os museus têm de ser audaciosos, aceitar os novos desafios, mas insistirem numa coisa básica: serem museus, acima de tudo.”

ICOM PT – Os museus precisam de uma redefinição das suas missões de acordo com a nova realidade económica e social da Europa?

Penso, conforme começava a responder na questão anterior, que provavelmente é todo o conceito de instituição-museu que deverá ser repensado no futuro. Existe quem tema este tipo de evolução, apontando no limite para a extinção do museu, afundado pela chamada “política dos eventos”. Não partilho deste pessimismo. Pelo contrário, no meu optimismo de pessoa dos museus, penso que da futura, que eu julgo inevitável, reconsideração sobre o papel social dos museus nascerão novas instituições (espero que chamadas ainda museus, mas isso é de somenos) cada vez mais ancoradas nos saberes e nas missões que sempre foram as dos museus, pelo menos desde a Revolução Francesa.

Neste pressuposto optimista, julgo que devemos ser ofensivos e nunca defensivos, fechados nas nossas reservas, encarando com audácia os processos de reconfiguração em que os tradicionais e até aqui separados conceitos e missões de museus, arquivos, bibliotecas... ou até centros culturais e de desenvolvimento comunitário... possam ser fundidos num único enquadramento institucional. Já hoje em certas regiões europeias (julgo que também na América Latina, região com a qual temos imenso a aprender) o “museu”, alargado conceptualmente, é o único equipamento cultural e social de aldeias, “tudo” aí se passa onde, desde a leitura da imprensa do dia até à consulta médica semanal.

Claro que existe um grande, um enorme risco, neste tipo de desenvolvimentos... o de se deitar fora o bebé com a água do banho e no meio de tantas funções sociais se perder a mais essencial dos museus, a única em que não se subsumem noutra tipo de equipamentos, qual seja a de estudo, conservação e divulgação de acervos (objectos e saberes) a que se atribuem valor memorial e patrimonial. Este é sem dúvida um sério problema. Ainda recentemente pudemos, os que estivemos no *V Encontro Mouseion*, no

Fundão (Dezembro de 2014), ouvir o impressionante relato da experiência do nosso colega Juan Pedro Moreno Carrasco, do Museu de Cória, em Espanha. Disse ele que durante anos, mais de uma década, prosseguiu aquilo que os “sinais dos tempos” e a sua tutela política lhe exigiam: actividades as mais variadas e em bom ritmo; aumento crescente sustentado do número de visitantes; enfim, presença permanente na *movida* da cidade. Tudo parecia bem encaminhado... até ao dia em que o aumento da dita *movida* levou a que os políticos tivessem decidido construir um centro cultural polivalente, com capacidade para apresentar os espectáculos que vinham tendo lugar no museu. Consequência: o museu deixou de ser tão necessário, passou a ser um custo cada vez mais insuportável e, sobrevinda a crise, a mesma foi usada como pretexto para... encerrar, sem que houvesse significativa oposição. Conclusão, retirada ainda por Juan Moreno Carrasco: esqueceu-se o museu do principal, do foco no seu acervo, da reinvenção permanente da suas colecções e da criação de redes de cumplicidade com as mesmas, garantidos por grupos de amigos ou pelos cidadãos em geral.

Em suma, o que penso é que os museus têm de ser audaciosos, aceitar os novos desafios, mas insistirem numa coisa básica: serem museus, acima de tudo.

ICOM PT – O que retira desta conferência para a actual situação dos museus portugueses?

Como bem sabemos, Portugal e os museus portugueses foram dos que mais sofreram o impacto da crise global emergente da crise financeira de 2008. Na conferência de S. Petersburgo, pude fazer o balanço deste impacto no conjunto dos (mal) chamados “países periféricos”. Em resumo, salientei, *a nível da administração central*, a extinção dos altos organismos administrativos especializados em diferentes domínios do património cultural (museus, arqueologia, arquitectura), tudo amalgamado em organismos gerais de tutela do património cultural; o reforço do centralismo administrativo, perdendo os museus sua autonomia de projecto, essencial à sua existência, isto já para não falar nos orçamentos e quadros de pessoal próprios ou até em direcção exclusiva em permanência (no caso português, note-se este movimento foi tão extremo que até a identidade fiscal própria foi retirada aos museus nacionais, impedindo-os assim de gerir plenamente projectos de parceria e recolher directamente patrocínios). Verificou-se também a impossibilidade virtual para recrutar novos funcionários, a todos os níveis (especialmente nefasta quando das universidades sai a geração melhor preparada que jamais tivemos); a diminuição dos recursos orçamentais, quase limitado a necessidades permanentes básicas (com praticamente incapacidade para a programação); a diminuição das condições promotoras da visita a museus (de que é exemplo, a redução de entradas gratuitas que no caso português foi ao ponto inacreditável de ter diminuído a gratuitidade universal de 14 para 12 anos de idade). A

nível da administração local, sublinhei o risco de encerramento de museus, a redução drástica de pessoal (em casos extremos, inexistência de pessoal graduado) e a perda de autonomia jurídica e funcional. *A nível privado*, o risco de encerramento de museus e de venda de colecções, assim como o aumento da exportação (legal e ilegal) de antiguidades.

“... os museus portugueses foram dos que mais sofreram o impacte da crise global emergente da crise financeira de 2008”

O que nos resta em face de quadro tão depressivo? Cruzar os braços e esperar que a tempestade passe por si mesma, sem nada fazermos? Não creio. Mais uma vez a minha postura é da de “ir à luta” e tal pode ser feito desde logo na capacidade que ainda tenhamos de programação e reinvenção dos nossos museus. A renovação de estratégias museológicas concentrando-se em actividades estratégicas; o desenvolvimento de redes e de cooperação a criação de novas relações entre museus e territórios; a promoção dos recursos humanos e melhoria das competências profissionais; as exposições itinerantes (com financiamento internacional); a reutilização e troca de equipamentos; a partilha de equipas; o lançamento de exposições noutras museus, quando os de origem se encontrem em processos de reforma; a partilha de investigadores; as sinergias com o sector do turismo; o desenvolvimento de serviços partilhados, como a restauração, a digitalização, o seguro; a rentabilização de saberes próprios como sejam os da avaliação e, construção de projectos, diagnóstico e conservação de colecções, desenvolvimento local, cultural, etc. tudo deverá ser considerado, desde que ao nosso alcance. Existe já bibliografia importante onde se inventariam e relatam “casos de sucesso” como os indicados. Cito a propósito um excelente [relatório](#) holandês sobre redes cooperativas, traduzido para inglês e distribuído pela NEMO (Network of European Museum Organizations), onde se identificam as seguintes áreas temáticas, cada uma com listagens de actividades muito práticas: “Custos mais baixos, maior receita, rendimento superior”, “Partilha de conhecimento, União de forças”, “Audiências mais ampla, novas audiências”, “Maior visibilidade das colecções”.

“IN MEMORIAM”



Tributo do Laboratório José Figueiredo à Memória de Luís Efrem Elias Casanovas (1926–2014)

Por Gabriela Carvalho, chefe de divisão do Laboratório José de Figueiredo, Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC)

Luís Efrem Elias Casanovas nasceu em 1926. Formou-se em Engenharia Electrotécnica pela Escola Politécnica Federal de Lausanne (Suíça) em 1951. Pertenceu aos quadros do Instituto Português do Património Cultural desde a sua criação até à aposentação em 1996.

Em 1974 tomou posse como inspector superior da Direcção Geral dos Assuntos Culturais e, em 1981, frequentou o curso *Preventive Conservation in Museums* do ICCROM (Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauro de Bens Culturais). Em 1983 escreveu o artigo «O Tratamento de Ar e a Conservação das Obras de Arte: Um Ensaio» para a revista *Património Cultural* em colaboração com Simonetta Luz Afonso, então directora do Instituto José de Figueiredo. No âmbito da sua colaboração com a Escola Superior de Conservação e Restauro, sediada no mesmo edifício do Instituto José de Figueiredo, foi responsável, entre 1991 e 1998, pela cadeira de Conservação Preventiva, embora reformado oficialmente no ano de 1996. Luís Casanovas desenvolveu diversos trabalhos com o Instituto José de Figueiredo. Em 1998, colaborou na coordenação do seminário *Encontro com Stefan Michalski* sobre conservação preventiva. Integrou o grupo de trabalho para o estudo das causas de deterioração de um conjunto de peças de ourivesaria do acervo do Museu de São Roque (Lisboa), projecto com início em 1997 e com a coordenação de Ana Isabel Seruya, directora do Instituto Português de Conservação e Restauro (IPCR). Em 1999 publicou nas actas do congresso *12th Triennial Meeting of ICOM-CC*, em colaboração com Ana Isabel Seruya, o artigo «*Climate Control in a 16th Century Building in the South of Portugal*».

Entre 2000 e 2007 foi consultor do IPCR, dando a sua inestimável colaboração às questões de conservação preventiva relativamente aos factores ambiente que condicionam a boa conservação dos bens culturais nos espaços museológicos.

Entre Novembro de 2001 e Maio de 2002 participou numa acção conjunta com a Rede Portuguesa de Museus (RPM) e a delegação do Norte da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) em acções de formação para profissionais de museus na área de

conservação preventiva. Durante esse período integrou, também, o projecto de conservação e restauro da igreja da Madre de Deus, coordenado por Ana Isabel Seruya, sobre o qual publicou, em 2001, o artigo «Avaliação das condições de ambiente» em *Igreja da Madre de Deus - História, Conservação e Restauro*, edição coordenada pelo Instituto Português dos Museus, pelo IPCR e pelo Museu Nacional do Azulejo. Também nesse ano publicou o artigo «O Rigor em Conservação Preventiva» nos *Cadernos de Conservação e Restauro* do IPCR.

Foi consultor da RPM para as questões de conservação preventiva, fazendo vistorias, dando pareceres técnicos e avaliando as condições ambiente nos museus e espaços museológicos.

Em 2007 defendeu a sua dissertação de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sobre o tema *Conservação Preventiva e Preservação das Obras de Arte*.

Foi responsável pela cadeira de Conservação Preventiva em diversos mestrados.

Em 2011 foi distinguido pela APOM, com o prémio Personalidade do Ano, prémio que visa homenagear a carreira de alguém que tenha dado um contributo relevante na área da Museologia em Portugal.

Dedicou toda a sua vida às condições de conservação e preservação na área da Museologia, dando um contributo incontornável e pioneiro entre nós.

Carlos Flores Marini (1937–2015). Figura de referência na história moderna da conservação do património, o arquitecto mexicano Carlos Flores Marini faleceu aos 77 anos. Em 1964 foi um dos subscritores da Carta de Veneza, juntamente com o arquitecto português Luís Benavente.

Foi um dos fundadores do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) e o fundador do ICOMOS no México, tendo sido seu presidente entre 1991 e 1997.

Foi professor, desempenhou diversos cargos e recebeu vários prémios nacionais e internacionais na área do património e da conservação. A publicação mexicana *Los Nuevos Paradigmas de la Conservación del Patrimonio Cultural 50 años de la Carta de Venecia* (ed. Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2014) presta-lhe homenagem e inclui uma contribuição do arquitecto: «[*Reflexiones a 50 anos de la Carta de Venecia*](#)».



Jorge Estrela (1944–2015)

Por Sérgio Gorjão, museólogo

A notícia do falecimento de Jorge Estrela, a 1 de Janeiro deste ano, remeteu-me para a memória dos anos de um trabalho em Óbidos e a propósito da exposição realizada sobre o pintor Baltazar Gomes Figueira.

A imagem com que dele fiquei é a de um erudito, mas com a simplicidade e naturalidade daqueles que são verdadeiramente sabedores. No trabalho e no contacto que estabelecemos ressaltava um constante gesto de generosidade face à partilha de saber, da gentileza de carácter, tudo isso expresso com um sorriso franco, com um brilho apaixonado no olhar e com uma seriedade assertiva quando, com minúcia, observava qualquer detalhe, do que quer que fosse.

Jorge Manuel Estrela de Pinho e Almeida, nascido em 1944, estudou Belas-Artes em Lisboa e em Paris, tendo participado nos movimentos de esquerda estudantil e afirmando-se como socialista. Desenvolveu vários trabalhos de investigação, tendo estado nos últimos anos ligado ao Museu João Soares, em Cortes (Leiria). Pertencente a uma geração que lutou pela liberdade, mas não afastando o seu lastro cultural, Jorge Estrela poderia definir-se como um monárquico anarquista, idealista e revolucionário, um esteta, um homem de cultura humanista, um excelente investigador, crítico de arte e comunicador.

Dada a sua sólida erudição, não é de estranhar que se interessasse por temas muito diversos, desde a gastronomia, micologia e classificações de espécies, mas também arquitectura, história, monumentos, museologia, pintura, história da arte, etc...., um conhecimento enciclopédico de matriz renascentista. Esta forma de ser e saber, aliás, parece reflectida no último trabalho que concluiu, sobre a visita de Cosme de Médicis a Portugal.

Várias pessoas, com muita propriedade, escreveram sobre Jorge Estrela imediatamente a seguir à notícia do seu falecimento, valendo a pena a releitura de artigos de [Mário Soares](#), Vítor Serrão, Camilo Alves, ou da sua sobrinha Inês, entre outros. Esta breve nota “em memória”, demasiado curta, serve apenas para assinalar o legado cultural do homenageado e, sobretudo, o seu sábio carácter, ainda tão vívido em todos que o conheceram.



Madalena Cabral (1922–2015)

Por Manuela Gallego, ex-conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga

«Alunos

Professores

Adultos e crianças

Saboreiam

E levam lá para fora

O gosto de pensar

Livremente

O futuro/passado/presente

Daquela gente que somos todos nós.» (Madalena Cabral)

Foi num início de tarde de Julho de 1972 que conheci a Madalena Cabral. Pedira-lhe uma entrevista e o encontro ficara combinado para daí a alguns dias. Cheguei cedo, levaram-me até ao seu gabinete, prevenindo-me que a Madalena estava numa reunião e que certamente chegaria atrasada.

Sentei-me e o meu olhar percorreu todo o espaço. A janela, aberta de par em par, deixava-me ver a pujança do jardim do museu. Uma grande mesa de abas, em que a única aba aberta denunciava o uso como secretária, ocupava uma parte considerável daquela sala. Sobre a mesa livros, papéis geometricamente alinhados e nitidamente arrumados por assuntos, e objectos vários de que se destacava um enorme puxador de porta em bronze que me intrigou especialmente. Rapidamente percebi que era uma peça lindíssima e que ali estava como referência oculta ou simplesmente para ser vista. Na parede em frente, num painel de carlite, estavam colocadas imagens, delicadas pinturas e pequenos textos seleccionados. Eram fotografias a preto e branco: o Dr. João Couto escrevendo por detrás de uma enorme secretária, a Madalena rodeada por um grupo de alunos. Eram igualmente os textos, sobretudo citações de que se destacava Gaston Bachelard «*on ne communique aux autres qu'une orientation vers le secret, sans jamais pouvoir dire objectivement le secret.*»

Recordo o encantamento que senti após os vinte minutos de espera.

A Madalena chegou e desculpou-se de forma afectuosa. Seguiu-se uma longa conversa que jamais esquecerei. Um ano depois fazia parte do Serviço de Educação do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA).

O gabinete tinha-me revelado uma imagem da Madalena que se foi confirmando com o desenrolar do tempo. Fui descobrindo uma personalidade rica e facetada recheada de saberes que lhe vinham sobretudo da vida vivida, uma rara capacidade de comunicação a partir de objectos ou de ideias através de uma linguagem simples e rigorosa, (o rigor marcava toda a sua vida) uma atenção permanente aos que a rodeavam - pequenos e grandes, simples e complicados, ignorantes ou doutorados.

Cabe-me agora responder ao desafio que me foi proposto e tentar uma biografia curta que possa esboçar, embora de forma imprecisa, a vida da Madalena Cabral ao longo de 92 anos, dos quais 42 passados no MNAA.

Nasceu no Porto em 1922 numa família de mais nove irmãos. Dedicou-se à pintura privilegiando a aquarela. Realizou exposições em Lisboa e no Porto, tendo sido premiada em 1948 e 1952. Em 1953 participa na fundação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Vai dedicar-se à paramentaria, estudando, desenhando vestes, produzindo textos e realizando conferências. Organiza exposições de Paramentaria Moderna, em 1945 no palácio Galveias e em 1964 na Sé de Lisboa.

Ainda nos anos 50 é convidada por João Couto, director do MNAA, para formar um serviço destinado a acolher público jovem, inicialmente infantil, organizando oficinas e visitas às colecções do Museu.

Em harmonia com o pensamento de João Couto, defende o museu como um espaço de liberdade educativa, como linha de articulação entre as várias funções museológicas. Circulares enviadas para as escolas dão a conhecer os objectivos da abertura das salas do Museu aos mais novos. Seguidamente desafiam-se os adultos, pais, educadores, operários, professores que na visita «conversando com os objectos e os monitores, abertamente proclamavam descobertas: a cor, o espaço, a construção, o homem, a vida, a sociedade.» (Madalena Cabral)

A visita torna-se o eixo central da actividade do Serviço de Educação, Serviço de Educação e não Serviço Educativo como a Madalena gostava de frisar, já que a Educação terá sempre de ser um substantivo, um nome e não um adjectivo, isto é o adereço do nome.

Nela é o visitante - seja qual for a idade ou formação - que condiciona, justifica e estimula, nas várias iniciativas, o ritmo e os caminhos a seguir.

Se a visita se fundamenta no ver, a acção no Museu deverá ainda privilegiar o fazer. João Couto vai ocupar uma velha casa vazia (conhecida por gerações de crianças e jovens como “a casa das ratas”). É aí que se vão desenvolver oficinas de pintura, desenho, modelagem, tecelagem, carpintaria e gravura. Madalena Cabral,

paralelamente à orientação e intervenção directa nas oficinas, vai proceder à formação de monitores a quem era pedido, para além do conhecimento dos materiais e do seu uso, a capacidade de estimular o trabalho de grupo de forma a que as intervenções individuais fossem respeitadas e a disciplina nascesse espontaneamente.

Para Madalena Cabral o ver e o fazer eram dois actos vitais para o desenvolvimento harmonioso de crianças e jovens, sendo função fundamental do monitor “dar a ver”. Assim, organizava uma formação cuidada e exigente para que viessem a funcionar como agentes essenciais para “estimular” o público. A par do estudo das colecções, da pedagogia e psicologia, realizavam-se reuniões semanais (que integravam monitores de serviços de outros museus, o Museu Gulbenkian, o Museu de Arqueologia, o Museu Castro Guimarães, entre outros) para discussão das abordagens e métodos, e para avaliação do trabalho realizado. Para esta formação, tão ambiciosa e que se queria contínua, recorria a especialistas fora do serviço e mesmo do Museu. Para além dos conservadores responsáveis pelas diferentes colecções colaboraram nesta tarefa Manuel Costa Cabral, Gastão da Cunha Ferreira, Fernando Catarino, Domingos Morais, entre outros.

Com o acréscimo do número de escolas a solicitarem visitas ao Museu, e o não correspondente reforço de monitores, a partir de 1971 o serviço vai organizar um apoio a professores baseado no conhecimento das colecções e métodos e técnicas de abordagem dos objectos. Foram então pensadas e realizadas sessões - designadas por “encontros de professores” - de um dia e meio ou três dias subordinadas a diferentes temas. Estes encontros tiveram um óptimo acolhimento junto dos docentes e durante muitos anos estiveram sempre esgotados.

O serviço sempre trabalhou igualmente com grupos com características especiais como invisuais, deficientes motores ou intelectuais o que implicava outro tipo de formação e o recurso a outros especialistas.

Foi membro da CECA (Comité Internacional do ICOM para a Educação e Acção Cultural), integrou o secretariado daquele organismo. Com a colaboração de José Luís Porfírio e Sérgio Andrade organiza em 1979 a *Conferência Internacional do CECA* em Sesimbra, que contou com 90 participantes vindos de todo o mundo. Este encontro ainda hoje é referido como exemplar.

Em 1985 o Presidente da República, general Ramalho Eanes condecora Madalena Cabral com o grau de oficial da Ordem de São Tiago da Espada.

Em 2002, o MNAA promove o encontro *Ver - Rever - Educação em Museus* com muitas comunicações vindas de profissionais de vários museus e universidades, homenageando-a pelo seu papel pioneiro na criação e desenvolvimento dos Serviços de Educação.

Membro da APOM (Associação Portuguesa de Museologia). Em 2013 esta organização distingue-a com o prémio Personalidade do Ano na área da Museologia.

Madalena Cabral morreu no Porto no dia 24 de Janeiro, com 92 anos e deixou-nos sós, com a recordação de alguém de excepção; diremos agora com Camões:

«A todos é comum esta partida,
Quem morre não morreu, partiu primeiro».⁴

NOTÍCIAS ICOM

ICOM Portugal em Programa de Intercâmbio Profissional Europeu em Berlim

Clara Frayão Camacho, museóloga, Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)

Nos dias que correm Portugal e a Alemanha são regularmente confrontados nos planos da política, da economia, da finança e da sociedade. E no campo dos museus, o que une Portugal e a Alemanha? À primeira vista, quase nada. Desde logo, diferenças de dimensão territorial e demográfica, de localização no continente europeu, de organização política do Estado, de estruturação administrativa e percursos históricos singulares distanciam os dois países. Com 82 milhões de habitantes, a Alemanha é uma República federal composta por 16 estados (*länder*). Num país dotado de cerca de 6 500 museus, as competências para a cultura estão predominantemente adstritas aos *länder*, que prosseguem diferentes objectivos e políticas. Razões históricas ajudam a explicar esta situação: as reminiscências da propaganda e da utilização do aparelho de Estado pelo nazismo levaram a que a nível federal só em 1998 fosse criado um Ministério para os Assuntos Culturais, ainda assim com atribuições restritas.



Associação dos Museus Alemães, 2-4 de Fevereiro de 2015 © NEMO

O Instituto de Investigação em Museus é uma das escassas organizações federais com actuação no sector museológico, vocacionado para as estatísticas de museus e outros projectos de pesquisa, designadamente no âmbito da proveniência dos bens culturais dos museus e da perspectiva da restituição. O Instituto aplica anualmente um inquérito

⁴ Nota da ed.: Em complementaridade poderá ler-se o texto de Catarina Moura: *O Pulsar de Meio Século: Historial Crítico sobre os Serviços Educativos dos Museus do Estado* apresentado no âmbito do encontro organizado pelo ICOM Portugal: *Serviços Educativos em Portugal: Ponto da Situação* (2011).

aos museus alemães e desempenha um papel referencial no plano europeu, na liderança do EGMUS - The European Group on Museum Statistics, e de projectos relativos às estatísticas de museus, como o ENUMERATE, e mais recentemente a adaptação às normas ISO (International Organization for Standardization).

Serve esta introdução para contextualizar um estágio de três dias em Berlim, de 2 a 4 de Fevereiro de 2015, com acolhimento da Associação dos Museus Alemães e organização da Network of European Museum Organisations (NEMO), de que o ICOM Portugal é membro associado.⁵ Tendo tido a oportunidade de participar neste programa com colegas da Áustria, da Itália, da Grécia e da Irlanda, partilho umas breves reflexões desta experiência, cujo principal objectivo consistia em conhecer a acção dos organismos associativos alemães com intervenção no campo dos museus.

Num panorama altamente descentralizado e com fortes tradições associativas, a Associação Alemã de Museus, fundada em 1917, possui 2 800 membros institucionais e individuais, o que a torna um significativo parceiro do sector museológico. Munida de uma pequena equipa técnica (uma directora a tempo inteiro e mais três membros a tempo parcial), as receitas da associação provêm em 60% das quotas dos membros e em 40% de apoios governamentais e de mecenato. As suas principais áreas de acção distribuem-se pelo lóbi político, criação de orientações e de normas profissionais, apoio técnico a museus e desenvolvimento de projectos. A esta associação, em parceria com a Comissão do ICOM da Alemanha, se deveu o estudo e a publicação dos *Standards para Museus* em 2006.

Um dos domínios de destaque da Associação Alemã de Museus é o do trabalho em rede. Estão constituídos 12 grupos de trabalho que aglutinam quer museus de um determinado tipo, quer funções museológicas. Estes grupos são criados por iniciativa dos membros e recebem um apoio anual da Associação de 800€ por grupo. Basicamente promovem reuniões de debate e comunicam por listas de correio electrónico. Em paralelo, nas associações de museus dos *länder* também há interacção e interajuda entre museus, especialmente de apoio aos mais pequenos. No estado de Brandeburgo, por exemplo, onde há cerca de 300 museus, a associação estatal desenvolve programas de apoio à digitalização dos inventários, com respaldo financeiro do governo do Estado.

Actualmente decorre em toda a Alemanha uma iniciativa federal promovida pelo Ministério da Educação com o objectivo de promover a integração dos imigrantes e de grupos socialmente excluídos. A Associação de Museus está a gerir financeira e administrativamente os projectos envolvendo museus, em que estes se aliam a pelo menos dois parceiros externos. Trata-se de uma medida de grande impacto, dirigida a instituições culturais e educativas e com um prazo de concretização até 2018.

Voltando à questão inicial, o que une Portugal e a Alemanha no sector dos museus? É verdade que no número de museus, na organização descentralizada, na tradição

⁵ No nosso país, a DGPC é o membro efectivo da NEMO.

associativa e nos meios financeiros disponíveis tudo afasta os dois países. Contudo, alguns pontos comuns são visíveis na organização das instituições museológicas: a adoção de padrões de referência no cumprimento das funções museológicas (Standards orientadores na Alemanha e Lei-Quadro dos Museus em Portugal), a exploração do trabalho em rede (formalizada nos grupos de trabalho da Associação Alemã e em redes regionais portuguesas) e a atenção às questões sociais (se bem que mais institucionalizada na Alemanha). Independentemente das fronteiras políticas e das tradições históricas nacionais, é no profissionalismo e na dedicação das equipas que se encontram mais pontos de confluência que de distanciamento. Afinal são os profissionais que fazem mover os museus de ambos os países e a eles se deve o perfilhar das boas práticas que estão no cerne das instituições museológicas.

N. da ed.: No *website* da NEMO poderá encontrar o [programa](#) e um breve [resumo](#) desta iniciativa, assim como algumas das [apresentações](#).

Documentação em Casas-Museu

6.º Encontro Casas-Museu em Portugal

Maria João Pinto, coordenadora da Biblioteca e Gestão de Informação da Universidade Católica Portuguesa, Porto

No passado dia 23 de Março decorreu na Fundação Casa Eça de Queiroz, em Tormes, o 6.º Encontro das Casas-Museu em Portugal, este ano sob o tema da *Documentação nas Casas-Museu* (cf. [programa](#)).⁶

A uma organização singular não foi indiferente, mais uma vez, a escolha do local onde decorreu este Encontro. Com uma proposta de reflexão em torno da temática da documentação e em ambiente duriense nada melhor do que terem integrado um pré-programa, para uma familiarização com o espaço de *per se* tão pertinente para a abordagem das questões em torno dos espólios documentais associados a casas-museu.

Fomos então brindados com uma recepção calorosa, num belo fim de tarde de domingo, na estação de Aregos, pelo Sr. Silvério que nos acompanhou pelo “caminho do Jacinto”, percurso pedestre de uma hora e trinta minutos, integrado na rota cultural-literária destas paragens. A nossa *viagem* começou ali mesmo!



6.º Encontro Casas-Museu em Portugal, Fundação Casa Eça de Queiroz, 23 de Março de 2015 © Maria Cecília Rosalino

⁶ Nota da ed.: A direcção do ICOM Portugal esteve representada por Maria de Jesus Monge.

Este itinerário culminou na chegada à Casa de Tormes, com uma visita conduzida pelo nosso já familiar amigo de viagem, Sr. Silvério, que fez as honras da casa e nos preparou para o belo repasto queirosiano, o tão afamado arroz de favas com frango alourado e, claro, bem acompanhado pelo vinho verde de Tormes e rematado pelo creme queimado. Como se já não fosse suficiente pudemos ainda contar com a companhia, ao jantar, do Sr. Jacinto.

Estávamos, assim, bem preparados e imbuídos do espírito necessário para no dia seguinte iniciarmos os trabalhos em torno da temática que ali nos levou.

À semelhança de edições anteriores estas Jornadas foram organizadas por alguns profissionais da área e membros do ICOM.

Na sessão de abertura somos despertados pelo António Ponte para a pertinência do tema e da importância que a documentação assume nos contextos das casas-museu, pelas problemáticas da sua abordagem para responder a questões de: como saber guardar, como saber divulgar e que informação se pode (ou deve) extrair desses conteúdos. Tendo estas unidades museológicas sempre na sua génese personalidades que ajudaram a marcar uma época, pela forma como intervieram na sociedade, a compreensão dos acervos documentais possibilita a leitura do *homem* e das suas circunstâncias, bem como permite trazer ao domínio público importantes contributos sociais.

O primeiro tema, «Os Arquivos de Casas-Museu Fonte de Valorização do Trabalho Museológico: De Encargo a Benefício», apresentado por Maria João Pires de Lima, directora do Arquivo Distrital do Porto, trouxe uma reflexão muito pertinente sobre a importância destes sistemas de informação e os seus contributos na leitura mais completa de todo o contexto, restituindo um *corpus* coerente que facilita a recuperação e interpretação de ambientes e personagens. De sublinhar ainda, que os «arquivos registam decisões, acções e memória, são um património único e insubstituível». Ficou também clara a importância da incorporação e tratamento dos arquivos das casas-museu para salvaguarda e valorização da memória colectiva, pois como expressou a autora desta comunicação «não há transparência sem um arquivo organizado».

Seguiram-se duas outras sessões mais centradas em casos práticos de documentação em ambientes de casas-museu. Assim, o tema «Centros de Documentação e Museus», apresentado por José Manuel Oliveira, director da Casa de Camilo, trouxe à plateia uma abordagem integrada de todo o circuito de tratamento documental do espólio desta Casa-Museu e consequente leitura destes acervos como fontes de informação que geram conhecimento. A natureza deste trabalho traduz a preocupação que deve existir em contribuir para a divulgação da obra do autor, sem nunca se perder de vista que este trabalho em primeira instância tem que interessar a alguém e que o foco nestes centros de documentação deve centrar-se na promoção da figura e obra do autor.

Deixou-nos ainda como reflexão de que há a obrigação de contaminar com a «alma do escritor», todos os vindouros e enquanto guardiões temporários de um bem cultural (como são os acervos) é imperativo deixar estes acervos numa «balança positiva a gerações futuras».

Rui Carreteiro, da Fundação Eugénio de Almeida, trouxe-nos para reflexão as questões em torno da importância das espécies documentais do arquivo e biblioteca do Paço de S. Miguel. A perspectiva traçada a partir destas colecções tem contribuído para o estudo, conhecimento e divulgação do papel desta família no séc. XX e a estreita relação com a história local, bem como para o conhecimento da história social.

A tarde foi organizada em torno de dois *workshops* que culminaram numa síntese dos trabalhos, em que a ideia da importância de uma boa avaliação das massas documentais é essencial para se estabelecer um plano de intervenção. A este propósito Maria João Pires de Lima deixou clara a pertinência de «primeiro conhecer para depois avaliar». De ressaltar ainda que em matéria de espólios documentais a importância da conservação preventiva destas espécies é fundamental, designadamente a implementação de estratégias de controlo e a observância de princípios básicos de estabilização e acondicionamento.

No encerramento dos trabalhos o director da Direção Regional de Cultura do Norte, António Ponte, deixou alguns desafios aos presentes, no âmbito das questões práticas de aprendizagem, nomeadamente no sentido da criação de um banco de mentores para orientarem outros técnicos que precisem de formação. O estabelecimento de parcerias foi também uma das propostas com vista à optimização de recursos e viabilização de projectos.

Terminado este 6.º Encontro ficou a certeza da excelente oportunidade e o enorme espaço de intervenção para os profissionais da área que as questões da documentação em casas-museu encerram.

É tempo de olhar o futuro na perspectiva de querer *fazer acontecer!*

Uma Questão de Perspectiva... Breves Notas Sobre as XII Jornadas de Primavera do ICOM Portugal

Museus, Educação e Europa

Lorena Sancho Querol, investigadora em pós-doutoramento, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Decorreram no passado dia 24 de Março no Palácio Nacional da Ajuda as XII Jornadas de Primavera do ICOM Portugal, desta vez subordinadas a um dos temas no qual assentam as raízes da Museologia contemporânea: a dimensão educativa dos museus.

Sob o nome *Educação, Museus e Europa*, as Jornadas deste ano foram organizadas conjuntamente pelo ICOM Portugal e pela delegação nacional do CECA (Comité Internacional do ICOM para a Educação e Acção Cultural) com o qual o ICOM Portugal

estabeleceu recentemente uma parceria estratégica destinada à reflexão e ao desenvolvimento da dimensão educativa dos museus em Portugal. Desta forma, a organização optou por dedicar as Jornadas a **Madalena Cabral**, considerada a grande pioneira da educação museal em Portugal.

Neste contexto, as Jornadas contaram com a presença de algumas dezenas de participantes, de dois profissionais portugueses especializados em educação museal e de dois oradores representantes do Conselho da Europa, cujos percursos e projectos se enquadram no tema do encontro. Assim...

Entre os participantes estiveram profissionais com diversos perfis, cujos conhecimentos, experiências e interesses possuem em comum a ligação ao mundo dos museus nas suas mais variadas formas, pelo simples facto de que falar em educação é falar numa função museológica transversal a todas as outras, seja qual for o conceito de museu que tomemos como ponto de partida... ou de chegada.

Representando o sector de educação museal em Portugal estiveram connosco Catarina Moura, responsável pelo serviço educativo do Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), e Mário Antas, responsável pelo serviço de projectos e comunicação do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), e uma excelente equipa na hora de interligar os ingredientes teóricos e práticos essenciais para uma Jornada desta natureza.



XII Jornadas de Primavera, Palácio Nacional da Ajuda, 24 de Março de 2015 © Pedro Pereira Leite

Numa vertente mais prática, Catarina Moura partilhou cinco experiências de educação pela arte criadas e realizadas no Serviço Educativo do MNAC, direccionadas a grupos sociais marginalizados, fragilizados ou em risco. Desta forma, reflectiu sobre o desafio de envolver no processo educativo pessoas, cujos perfis, características e experiências de vida as foram distanciando dos museus, chegando ao ponto de que se não existissem os projectos de Catarina Moura no MNAC, provavelmente teriam continuado a sua senda de «museu não é parte de mim» ou «museu não é comigo». Quantas já conhecemos assim... e quantas não andam pelas ruas deste belo país...

Mário Antas trouxe-nos, por sua vez, ingredientes essenciais que muito bem complementam (ou até estão na base!) (d)as experiências de Catarina Moura, ao colocar em foco a necessidade de pensarmos os museus como centros de co-produção de conhecimento, e a aprendizagem como um processo bidireccional. A este respeito, e a propósito dos ventos que agitam esta nossa costa Atlântica, importa salientar que Mário Antas colocou sobre a mesa do Palácio da Ajuda duas sílabas aparentemente inócuas, mas sem as quais os nossos museus, as nossas escolas, os nossos projectos ou as nossas empresas... sofreriam de um autismo progressivo de complexas repercussões. Refiro-me a esses dois prefixos cuja presença se torna essencial na construção de qualquer projecto cultural no século XXI: o “co” e o “bi”. Na verdade, as práticas culturais a eles associadas permitem definir as fronteiras entre um projecto frio, passivo, predefinido, fechado... e um projecto útil, dinâmico e atento às necessidades e anseios das nossas sociedades na sua diversidade.

Dando voz ao Conselho da Europa (CdE) tivemos connosco John Hammer, consultor educacional do CdE e co-director do Heritage Education Trust, e Luísa Black, historiadora e consultora do CdE em projectos sobre a democratização do ensino.

John Hammer trouxe-nos uma perspectiva do panorama patrimonial e museológico britânico, focando a sua apresentação nalguns exemplos de boas práticas de organismos, tais como o Victoria & Albert Museum, o National Trust, o British Museum ou o Heritage Lottery Fund. Entre elas podemos destacar, pelo seu carácter inspirador, o programa de voluntariado do National Trust ([National Trust Volunteer](#)), o programa de aprendizagem inclusiva [Access and SEM. Inclusive Learning Opportunities for all Young Visitors](#) do British Museum, ou o programa [Heritage Education Regional Outreach](#) (HERO) do Heritage Education Trust. Todos eles bons exemplos para os nossos museus... e para as nossas sociedades.

Luísa Black socorreu-se de um dos últimos produtos do CdE dentro da sua área para ilustrar o trabalho que vem sendo desenvolvido. Trata-se da publicação [Shared Histories for a Europe Without Dividing Lines](#) (2014), uma interessante ferramenta de trabalho que permite abordar os temas de história numa perspectiva inclusiva e diversificada em diferentes contextos. Em suma, uma ferramenta criada para ajudar a desconstruir as barreiras culturais, emocionais e territoriais que viajaram no tempo e

no espaço até ao presente, e que ainda hoje justificam uma abordagem fragmentada e fragilizada das nossas realidades.

Com efeito, este trabalho não deixa de ser um bom exemplo das linhas, dos processos e dos projectos que o CdE vem desenvolvendo na sua vertente de democratização cultural e patrimonial, um tema essencial para uma Europa em reformulação. No entanto, é no mínimo curioso o facto de estes e outros produtos resultantes de um árduo trabalho de pesquisa e de criação em equipa (cujas temáticas podem ajudar a sarar profundas feridas sociais) carecerem de uma estratégia de articulação apropriada, destinada a dar a conhecer estas ferramentas às dezenas de milhares de alunos, professores ou educadores artísticos... e também a seguir de perto o seu uso/utilidade em espaços educativos, mais ou menos formais, nos diferentes países da União Europeia. É que, como Luísa Black referiu, o CdE é um órgão reactivo e não interventivo, o que quer dizer que o seu trabalho acaba quando se fecha o processo de criação do produto, não contemplando qualquer dado relacionado com a sua vida posterior.

Casualidades da vida (com museus), a conversa de Luísa Black leva-nos até aquele que foi o tema principal do anterior boletim do ICOM Portugal: o trabalho em rede.

Na verdade, o que seria dos projectos da Catarina Moura sem o olhar para a sociedade como um todo, diverso e evolutivo, que a leva a utilizar sabiamente as ferramentas museológicas para lidar de forma construtiva com a diversidade?

O que acontece quando construímos os processos educativos com os ingredientes que Mário Antas trouxe até nós?

De que forma podem os museus reforçar-se culturalmente, reconstruir-se estrategicamente e reencontrar a sua essência aprendendo a trabalhar na diversidade... e na adversidade dos tempos que correm?

O trabalho em rede é a chave de qualquer processo cultural com vitalidade própria, é a chave que liga os nossos museus às nossas escolas, aos nossos bairros, à(s) nossa(s) cultura(s), às nossas experiências de vida, ou aos nossos sonhos e frustrações. Eis aí o grande desafio da educação quando ela ganha vida nos museus: ligar mundos... ensinar a ver o mundo de uma outra perspectiva... perceber melhor o mundo do(s) outro(s)... No fundo, construir uma Europa capaz de perceber as várias direcções do verbo aprender.

E vocês... o que dizem a tudo isto?

Obrigada por nos ajudarem a reflectir sobre coisas sérias, Primavera...

O Exercício da Incerteza

Histórias Partilhadas Para uma Europa Sem Linhas Divisórias: Seminário Internacional do Conselho da Europa e do ICOM Portugal

Inês Bettencourt da Câmara, Mapa das Ideias

Há conferências e encontros profissionais em que vivemos para o *coffee break* e para o almoço. Há outros que só servem para o exercício da certeza. Em que reforçamos as nossas convicções acerca de nós e do mundo, pouco abertos à contaminação, à desconstrução e, acima de tudo, à mudança.

Para quem os frequenta, estes encontros são um exercício de cidadania tão comum que raramente pensamos no seu potencial. Na sua capacidade de colocar uma multidão a pensar colectivamente sobre um tema. A discutir, a ouvir, a falar. A deixar de ser multidão anónima. A libertar-se voluntariamente do silêncio.



Seminário *Histórias Partilhadas*, Museu Nacional de Arqueologia, 25 a 26 de Março de 2015 © Mário Antas

Porque será que se perde tanto, tantas vezes, nestas ocasiões? Porque será que estas se transformam - tantas vezes - num ritual vazio? Em que os oradores falam porque é esse o seu papel? Em que a plateia espera pelo *coffee break* ou pelo almoço para poder finalmente estar com os colegas e ter então discussões apaixonadas que envolvem filhos, férias... e de permeio o tema em agenda.

Independentemente dos diferentes mecanismos de engenharia social que estruturam estes eventos - *workshops*, discussões em pequenos grupos, elaboração de manifestos, testemunhos, relatores, co-criação artística - muitas vezes estes acabam mesmo por se esgotar na forma. E não obstante termos reservado o tempo, investido na viagem, o assunto esgota-se na coreografia do evento, que acaba por servir apenas para reforçar convicções e certezas, profissionais e pessoais.

E depois, a verdade é que o exercício de ir ao encontro do outro é hoje, muito fácil. Basta ir à internet - mais ubíqua de que água potável nos dias que correm - e assistir a um mundo de ideias e de experiências. Trocar ideias sobre um tema ou uma experiência torna-se, também, cada vez mais simples... veja-se o trabalho dos grupos no Facebook dedicados a temas como “Textos em Museus” ou “Sistemas de informação em Museus - BAD”, nos quais podemos assistir - e participar - em discussões de grande qualidade.

Por isso mesmo, devemos agarrar com as duas mãos a oportunidade de estarmos juntos, numa mesma sala, a ouvir as mesmas coisas. E estou convencida de que este deve ser

um exercício bonito de cidadania, em que estejamos preparados para ser transformados, para trocar conceitos, ideias e experiências, para nos deixarmos abalar nas nossas certezas.

O seminário *Histórias Partilhadas Para uma Europa sem Linhas Divisórias: Construindo Pontes Entre o Ensino Formal (escolas) e Não Formal (museus)* foi uma iniciativa do Conselho da Europa em parceria com o ICOM Portugal que decorreu no Museu Nacional de Arqueologia de 25 a 26 de Março (cf. [programa](#)). Com a ambição de juntar professores e profissionais de museus e do património num mesmo fórum, foi também o veículo de lançamento do livro em Portugal *Shared Histories for a Europe Without Dividing Lines* (2014), que explora o diálogo potencial entre o texto e a internet, criando conexões entre tópicos, pessoas e instituições. O diálogo entre o virtual e o grupo de trabalho foi transportado para um evento que se quis íntimo, estimulando o diálogo e a discussão.

Voltando à questão inicial - porque vou a conferências - regresso à ideia da interacção social, do prazer de discutir ideias e referências com outras pessoas num ambiente de liberdade, em que as pessoas estão disponíveis umas para as outras, e registo outra razão de peso: ali faço amigos, descubro pessoas inspiradoras de quem gosto e que entram e vão ficando na minha vida. E creio que este factor deveria mesmo ser integrado na organização de um evento desta natureza. Devemos assumir os processos e as pessoas, criando ambientes que estimulem a troca de ideias, mas que também garantam que as nossas certezas saem abaladas, que ficamos emocionados com a clareza de uma ideia e que fazemos amigos, com o mesmo encanto com que nos enamoramos.

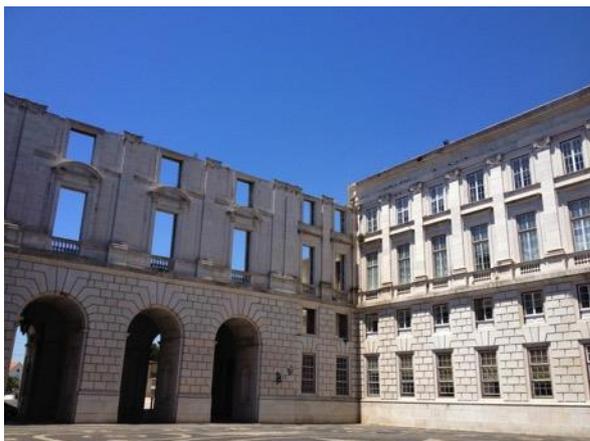
O ritual pelo ritual, o encontro em função da agenda, o tema da moda, são perigosos porque minam a raiz da ideia de fórum, de partilha de conhecimento. E pensemos com muito cuidado nas motivações de uma conferência, nos ritmos e, no final do dia, no que queremos que as pessoas levem com elas - aquilo que não encontram no Youtube ou no Vimeo, num *live streaming*, num bom artigo.

Em suma, pensemos no evento de uma forma multidimensional - o programa, as pessoas, a interacção, a comida, o espaço - tal como num bom projecto de mediação cultural.

Devemos criar o contexto ideal para a construção do exercício da incerteza, não reforçando egos, não apresentando os mesmos casos já repetidos vezes sem conta, as mesmas ideias às pessoas do costume.

Devemos estar lá inteiros, percebendo que corpo, cabeça e coração são um todo. Que não existe um exercício intelectual sem discussão, sem um acto voluntário de escutar o outro, criticamente. Só na propaganda das certezas é que existem salas cheias sem questões, repletas de gurus e multidões.

BREVES



A Direcção do ICOM Portugal reuniu com o Secretário de Estado da Cultura

A direcção do ICOM Portugal reuniu com o Secretário de Estado da Cultura a 10 de Dezembro de 2014. A reunião teve como objectivo dar a conhecer os novos corpos gerentes e o trabalho que o ICOM Portugal desenvolve, assim como transmitir as principais preocupações com relação à situação actual do sector museológico. A precariedade dos profissionais de museus, a falta de recursos humanos e financeiros, as inúmeras incertezas

orgânicas e consequente instabilidade e sentimento de insegurança dos profissionais foram alguns dos temas abordados. Mais informações: <http://www.icom-portugal.org>

Assembleia-geral do ICOM Portugal

No passado dia 24 de Março teve lugar no Palácio da Ajuda a assembleia-geral ordinária do ICOM Portugal. Foi apresentado o relatório de contas e o [plano de actividades](#) para 2015. Em 2015, o ICOM Portugal estará atento à situação dos museus portugueses na conjuntura de crise profunda que o país atravessa e, especialmente, a reorganização do sector actualmente em curso no seio da Presidência do Conselho de Ministros/Secretário de Estado da Cultura. Uma das linhas fundamentais de intervenção do ICOM Portugal continuará a ser a organização de encontros técnicos e científicos sobre temas de interesse para a actuação dos museus portugueses e dos seus profissionais, procurando contribuir para a reflexão e criação de conhecimento especializado. Mais informações: <http://www.icom-portugal.org/>

Actualização dos dados dos membros do ICOM Portugal

O ICOM Portugal está a actualizar os dados dos seus membros para uma comunicação mais eficaz. Para o efeito, disponibiliza-se dois formulários no *website* do ICOM Portugal, um para membros individuais e o outro para membros institucionais. Esta actualização irá decorrer até dia **31 de Maio**. Solicita-se a todos os membros a participação nesta campanha. Os formulários estão disponíveis em: <http://www.icom-portugal.org>.





Museus Para uma Sociedade Sustentável - Dia Internacional de Museus 2015

Um dos desafios contemporâneos é a adaptação a novas formas de viver e a um desenvolvimento que respeite os limites da natureza. Esta transição para uma sociedade sustentável requer a procura de novos métodos de pensar e agir. Os museus também desempenham um papel fundamental, promovendo o desenvolvimento sustentável e servindo como verdadeiros laboratórios para boas práticas. A celebração em torno do tema - *Museus Para uma Sociedade Sustentável* - tem como objectivo principal desenvolver, através dos museus, uma consciência geral para as consequências da actuação humana sobre o meio em que vivemos e o impacto que os actuais modelos económicos e sociais acarretam a médio e longo prazo. Poderão encontrar mais informações em: <http://icom.museum>.

José Gameiro nomeado presidente do júri do prémio Museu Europeu do Ano

José Gameiro foi nomeado em Março pelo Fórum Europeu dos Museus (EMF) presidente do júri do prémio Museu Europeu do Ano (EMYA - *European Museum of the Year Award*) e prémio Museu Conselho da Europa, dois dos mais relevantes prémios atribuídos aos museus europeus. José Gameiro integrava o júri do EMYA desde 2011. É director científico do Museu de Portimão e vogal da direcção do ICOM Portugal para o triénio 2014–2017. Mais informações em: <http://www.icom-portugal.org/>



PUBLICAÇÕES

Sugestões de leitura

Não sendo uma lista exaustiva, sugerimos algumas leituras sobre a temática *Museus Para uma Sociedade Sustentável*.

Cameron, Fiona, e Brett Nielson, eds. 2014. *Climate Change and Museum Futures*. London: Routledge.

Chagas, Mário, Denise Studart, e Claudia Storino, orgs. 2014. *Museus, Biodiversidade e Sustentabilidade Ambiental*. Rio de Janeiro: Espirógrafo Editorial e Associação Brasileira de Museologia. A publicação está parcialmente disponível na plataforma [ISSUU](#). No [YouTube](#) está acessível uma mesa-redonda realizada no Brasil em 2014, sendo esta temática apresentada por Mário Chagas e Mário Moutinho.

Chamberlain, Gregory. 2011. *Greener Museums: Sustainability, Society and Public Engagement*. [England]: Museum Identity. Breve resumo em: <http://www.museum-id.com>

Ferreira, Francisco Faria. 2013. “Energias Renováveis e Novas Tecnologias: Sustentabilidade Energética nos Museus.” Tese de doutoramento em Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. <http://hdl.handle.net/10437/4979>

Madan, Rachel. 2009. “Greener Museums: Tate’s Sustainability Strategy.” *Museum-Id* 3: 56–61.

Mendes, Manuel Cardoso Furtado. 2011. “O Uso de Energias Renováveis em Edifícios de Museus.” Tese de doutoramento em Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Disponível na íntegra em: <http://hdl.handle.net/10437/4982>

Negri, Massimo Negri. 2012. “Sustainability in Contemporary Museums.” In *Museums in an Age of Migrations: Questions, Challenges, Perspectives*, editado por Luca Basso Peressu, e Clelia Pozzi, 121-130. Milano: Politecnico di Milano e MeLa-European Museums in an Age of Migrations. Disponível em: <http://www.mela-project.eu>

Ramos, Margarida Filipe. 2013. *Bem Público - Valor Público, A Educação Para os Valores Ambientais no Museu da Água da EPAL*. Lisboa: Editora Principia. O livro resulta da tese de mestrado com o mesmo título, disponível na íntegra no repositório da Universidade de Lisboa: <http://hdl.handle.net/10451/5937>

O ICOM internacional compilou uma bibliografia dedicada ao tema “museus e ambiente”, que foi tema do Dia Internacional de Museus em 1992. Além de um conjunto de referências bibliográficas inclui uma lista de *websites* ligados à temática. A bibliografia foi revista e atualizada em 2011 e pode ser consultada em: <http://icom.museum>.

Links úteis:

[The Happy Museum](#) (*Re-imagining museums for a changing world*), Reino Unido

O projecto *The Happy Museum* foi criado em 2011 no Reino Unido e desenvolve actividades no âmbito de uma abordagem holística em torno da sustentabilidade e do bem-estar. As mudanças climáticas e as questões ambientais são uma das preocupações do projecto.

[Museo, Go Green](#) (*museos + sostenibilidad + creative thinking*), Espanha

Website da espanhola Sara Manzanares Rubio, que escreve sobre o tema da sustentabilidade e da participação em museus. Desde 2012.

[Sustainability Campaign](#) (Museums Association, Reino Unido)

Nos últimos anos, a Associação de Museus Inglesa tem desenvolvido uma campanha no sentido de tornar os museus mais sustentáveis do ponto de vista ambiental. No *website* da associação estão disponíveis vários recursos úteis: artigos, relatórios, estudos de caso, bibliografia, etc.

[Greener Museums](#)

Greener Museums (2008) é uma empresa especializada na promoção da sustentabilidade nos museus e no sector cultural em geral. O *website* apresenta textos de opinião e alguns recursos em acesso livre. Destacam-se três documentos: *The State of Sustainable Museums*; *Greener Museums Leadership and Development Programme Case Studies* (18 estudos de caso) e *Greener Museums Organisational Sustainability Assessment*.

[Fundação Serralves](#) (Política Ambiental), Porto

Nos últimos anos a Fundação Serralves tem vindo a desenvolver práticas com vista ao melhoramento da sua *performance* ambiental, nomeadamente ao nível da utilização dos recursos, da prevenção da poluição e do controlo dos impactes ambientais da sua actividade.

[Rapport de Développement Durable](#) (Musée du Quai Branly, Paris)

Este relatório (2011) traduz o compromisso estratégico do Musée du Quai Branly com relação à protecção do ambiente, desenvolvimento social e económico.

[Sustainable Development for National Museums Liverpool](#) (Reino Unido)

Os museus de Liverpool têm uma política activa para o desenvolvimento de práticas sustentáveis. A política para sustentabilidade (ambiental, social, económica) adoptada pretende ser aplicada de forma transversal nos vários sectores museológicos.

[Museo del Scienze de Trento](#), Itália

As preocupações com a sustentabilidade ambiental fizeram parte dos princípios que nortearam a concepção do edifício do Museu de Ciência de Trento (abriu ao público em 2013), patente na escolha dos materiais de construção, no recurso a fontes renováveis e na implementação de sistemas eficientes do ponto de vista energético. A acessibilidade ao edifício foi outro dos aspectos equacionados neste contexto.

Novas edições



Maija Ekosaari, Sari Jantunen, e Leena Paaskoski. 2014. *A Checklist for Museum Collections Management Policy*. Edição da Associação Finlandesa de Museus. 26 páginas. Disponível [online](#).

Trata-se de um breve manual prático que resume os aspectos a ter em conta na preparação de uma política de gestão de colecções. Foi desenvolvido no âmbito do projecto SAKU (2011–2013) com o apoio do Ministério finlandês para a Educação e para a Cultura. A sua elaboração baseou-se em políticas de gestão de colecções em museus no âmbito da arte e da história na Finlândia.



Pierre Tanguay *et al.* 2014. *A Intercultural Tool for Museums*. 37 páginas. Disponível [online](#).

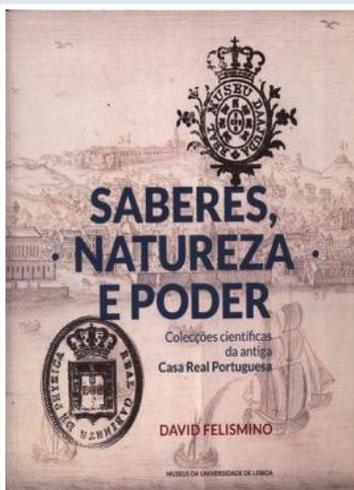
A Intercultural Tool for Museums é uma grelha analítica concebida para ajudar investigadores e profissionais do sector do património e dos museus a planear estratégias com o objectivo de envolver diferentes comunidades visando o diálogo intercultural em diferentes domínios de actuação (colecções, exposições, educação, planeamento estratégico, competências, governança). Foi criada por investigadores da Universidade do Quebec (Montreal, Canadá) e da Universidade de Antuérpia (Bélgica), inspirando-se no [programa de cidades interculturais](#) do Conselho da Europa. Esta ferramenta é o resultado de um estudo comparativo de quatro museus de cidade em três países (Canadá, Bélgica e Holanda) que analisou a sua *performance* no âmbito da promoção do diálogo intercultural. A grelha pode ser usada para qualquer tipo de museu que pretenda desenvolver projectos com diferentes comunidades.



Revista MIDAS 04. Disponível [online](#).

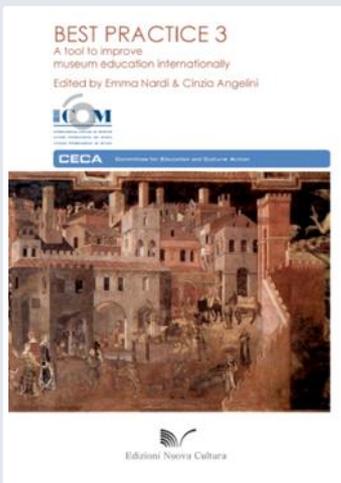
A revista MIDAS - Museus e Estudos Interdisciplinares acaba de publicar o seu 4.º número. Além de uma secção para temáticas diversas (*Varia*) e de um espaço para recensões críticas, este número inclui um dossier especialmente dedicado à relação dos museus com a urbanidade.

A MIDAS é uma revista dedicada aos museus enquanto campo de trabalho e reflexão interdisciplinar, com arbitragem científica, semestral e em acesso aberto.



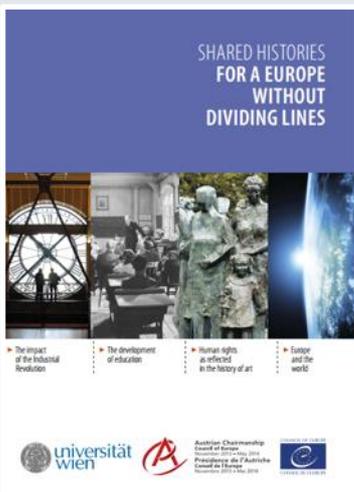
David Felismino. 2014. *Saberes, Natureza e Poder: Coleções Científicas da Antiga Casa Real Portuguesa*. Edição do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa. 79 páginas.

O livro apresenta parte do património científico e histórico que pertenceu à antiga Casa Real Portuguesa que os Museus da Universidade de Lisboa (MUHNAC) preservam. Estes objectos, do séc. XVI ao XX, encontram-se agora reunidos nesta publicação. David Felismino, autor do livro, desenvolve investigação no MUHNAC desde 2011, com uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia.



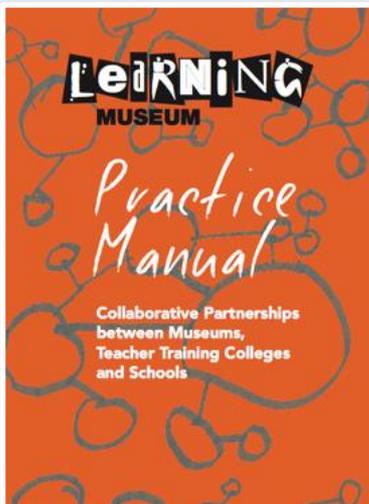
Emma Nardi e Cinzia Anegli, eds. 2014. *Best Practice 3: A Tool to Improve Museum Education Internationally*. Edição do CECA (Comité Internacional para a Educação e Acção Cultural). 266 páginas. Disponível [online](#).

Trata-se do 3.º livro que o CECA publica sobre boas práticas no âmbito da educação em museus. Reúne um conjunto de projectos em museus de diferentes escalas, com enfoque para diferentes temáticas e perfil de públicos distintos. O livro pretende potenciar a discussão e a partilha entre profissionais.



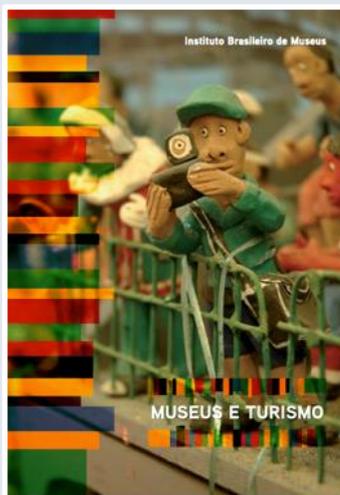
Shared Histories for a Europe without Dividing Lines. 2014. Edição do Conselho da Europa, Bruxelas. 901 páginas. Disponível [online](#).

Este *ebook* interactivo, produzido pelo Conselho da Europa, é o resultado de um projecto de cinco anos. Sobre história europeia, a publicação contém materiais para serem usados em escolas, sendo especialmente dirigido a professores. Tem por base valores como a diversidade cultural, a coesão social, a responsabilidade social e o respeito pela diferença.



Tine Seligmann, ed. 2014. *Practice Manual: Collaborative Partnerships Between Museums, Teacher Training Colleges and Schools*. Learning Museum (2011–2013). Edição do Museum of Contemporary Art, Roskilde, Dinamarca. 163 páginas. Disponível [online](#).

A publicação resulta de um projecto que promoveu a colaboração entre professores e museus. Através do desenvolvimento de experiências conjuntas, pretendia-se que os estudantes beneficiassem da aprendizagem da arte e da história em contexto museológico.



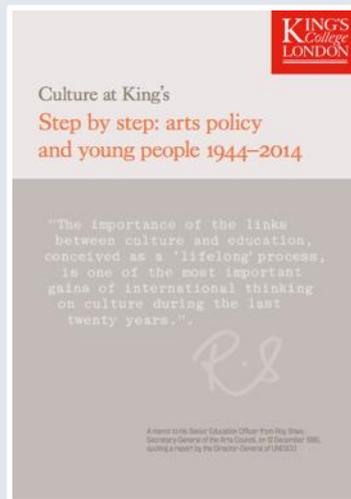
Edições do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Disponíveis [online](#).

O Instituto Brasileiro de Museus publicou no final de 2014 três publicações em formato digital que destacamos: *Museus e Turismo - Estratégias de Cooperação*; *Encontros com o Futuro*; e *Os Museus e a Dimensão Económica: Da Cadeia Produtiva à Gestão Sustentável*.



Enriching Britain: Culture, Creativity and Growth: The 2015 Report by the Warwick Commission on the Future of Cultural Value. 2015. Edição da University of Warwick, Coventry, Reino Unido. 73 páginas. Disponível [online](#).

Uma das principais conclusões do relatório britânico sublinha a importância de implementar abordagens que garantam a igualdade no acesso à cultura, à educação e a uma vida criativa. «Not enough is being done to stimulate or realise the creative potential of individuals, or to maximise their cultural and economic value to society» (p. 9).



Culture at King's Step by Step: Arts Policy and Young People 1944-2014. 2015. Edição do King's College London, Reino Unido. 26 páginas. Disponível [online](#).

Relatório do King's College London sobre as políticas culturais e os jovens no Reino Unido nos últimos 70 anos. «The report was inspired by a pair of speeches in June 2014. One, from culture secretary Sajid Javid, called for arts organisations to do more to increase access, especially for young people. The second, via shadow culture secretary Harriet Harman, launched a Labour party consultation on young people and the arts.»

AGENDA

Conferências, encontros, debates

(Nacional)

A Representação da Informação e os Sistemas de Organização do Conhecimento nos Museus | 8 de Maio

Org. Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) | Biblioteca Nacional, Lisboa

Seminário promovido no âmbito das actividades do Grupo de Trabalho da BAD de Sistemas de Informação em Museus. Este seminário tem por objectivo conhecer e compreender as características e o funcionamento dos sistemas de organização do conhecimento na representação, pesquisa e recuperação da informação ligada ao património cultural. As oradoras são Natália Jorge e Filipa Medeiros.

Mais informações em: http://www.apbad.pt/Formacao/formacao_seminarios.htm

Modelos de Gestão Para a Acessibilidade: O Que é Preciso? | 21 de Maio

Org. Acesso Cultura | Em Lisboa: Museu de Lisboa - Palácio Pimenta (antigo Museu da Cidade); em Portimão: Museu de Portimão; e no Porto: Biblioteca Municipal Almeida Garrett.

A Acesso Cultura organiza todos os meses um debate para, como profissionais do sector cultural ou simplesmente pessoas interessadas, podermos reflectir em conjunto sobre questões ligadas à acessibilidade - física, social e intelectual - que têm um impacto no nosso trabalho e na nossa relação com pessoas com variados perfis. A entrada é livre.

Mais informações em: <http://acessocultura.org/encontros/debates/>

Apresentação do Comité Internacional de Documentação do ICOM (CIDOC) | 22 de Maio

Org. ICOM Portugal | Museu de Lisboa - Palácio Pimenta, Lisboa

Encontro promovido pelo ICOM Portugal para dar a conhecer o trabalho desenvolvido pelo CIDOC (Comité Internacional do ICOM para a Documentação). Pretende-se esclarecer sobre a importância do trabalho de documentação e gestão do património cultural e imaterial realizado desde 1950 no âmbito deste comité e cativar a participação de todos os profissionais de documentação em museus.

Mais informações em: <http://www.icom-portugal.org>

Projectos Participativos: Partilhando a Responsabilidade | 18 de Junho

Org. Acesso Cultura | Em Lisboa: Museu de Lisboa - Palácio Pimenta (antigo Museu da

Cidade); no Porto: Biblioteca Municipal Almeida Garrett; e em S. Brás de Alportel: Museu do Trajo.

Mais informações em: <http://acessocultura.org/encontros/debates/>

Ciclo de Conversas “Repensar Museus” | Maio–Junho

Org. Repensar Museus (Inês Jorge, Jessica Esteves, Teresa Costa e Teresa Pinheiro) | vários locais em Lisboa

Debate sobre **Comunicação**: 14 de Maio, no Atelier-Museu Júlio Pomar; debate sobre **Educação**: 4 de Junho, na Casa-Atelier da Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva; debate **Artistas no Museu**, no Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado.

Mais informações: <https://www.facebook.com/repensarmuseus>

Lights On... Cultural Heritage and Museums! | 20–22 de Julho

Org. Faculdade de Letras da Universidade do Porto

This congress joins the international initiatives on the IYL2015, and adopts the *concept of light in its broader meaning*, that is, not only the form of energy associated with the visible portion of the electromagnetic spectrum, but also all other invisible radiation such as X-rays, ultraviolet, infrared, among many. It aims to raise and enhance awareness for its potential and crucial role in cultural heritage and in inclusive museums.

Mais informações em: <https://lightsonchm.wordpress.com/>

Conferências, encontros, debates (Internacional)

Calendário ICOM Internacional | 2015

Muitos dos comités internacionais do ICOM já têm para 2015 as suas reuniões anuais agendadas, que decorrem com maior incidência no último trimestre do ano. Não sendo possível fazer referência a todos os eventos, sugerimos a consulta do [calendário online](#) do ICOM Internacional. Caso seja membro do ICOM pode ainda aceder à [ICOMMUNITY](#), plataforma de partilha entre profissionais, onde encontrará mais informações sobre a actividade dos comités nacionais e internacionais.

Mais informações em: <http://icom.museum/events/calendar/2015/>

Creative Museums for Smart Citizens e cerimónia de entrega do prémio Luigi Micheletti | 7–9 de Maio

Org. European Museum Academy | Brescia, Itália

Workshops, lectio magistralis, twenty museums on stage, Heritage in Motion, food (Expo and museums, but also real Italian food...)... Several events in one - a joint co-operation of MUSIL - Museum of Industry and Labour and EMA - European Museum Academy.

Mais informações em: <http://www.europeanmuseumacademy.eu>

EMYA 2015, What Matters in Museums Today | 13–16 de Maio Glasgow, Escócia

Durante os últimos 38 anos o prémio EMYA (Prémio Museu Europeu do Ano) tem sido sinónimo de qualidade, criatividade e inovação na área dos museus. Reúne pequenos, médios e grandes museus com uma coisa em comum - a excelência! Este ano 42 candidatos de 21 países estão em competição para os prémios anuais de prestígio e para o título de Museu Europeu do Ano. Este evento irá oferecer oficinas, painéis, entrevistas com os candidatos e uma série de encontros sociais nos quais é promovido o diálogo com colegas. Um programa de bolsas de viagem para participação na conferência está disponível no *website* do [European Museum Forum](http://www.europeanmuseumforum.org).

Mais informações em: <http://www.glasgowlife.org.uk>

Eight International Conference on the Inclusive Museum, Museums as Civic Spaces - special focus | 7–9 de Agosto

Org. The Inclusive Museum | National Science Museum, Nova Deli, Índia

The inclusive museum is an aspirational civic space that is created and recreated based on the context and relevance to diverse stakeholders. It liberates museums and communities from legacies, enables a first voice, and empowers people of culturally and linguistically diverse backgrounds with a sense of place and multiple identities. The challenge is also to address intersectionality across cultural borders through appropriate research, development and capacity building. This must be at all levels of engaged partners from curators, educators, conservators to directors and trustees. Connecting collections and communities is critical.

Mais informações em: <http://onmuseums.com/the-conference>

Formação

Programa de Formação da Rede Portuguesa de Museus (RPM) | Maio–Junho

Org. RPM | vários locais

Formação sobre *Educação e Serviços Educativos em Museus*: 5–8 de Maio, no Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra); formação sobre *Património Imaterial*: 26–29 de Maio, na Biblioteca Municipal Lídia Jorge (Albufeira); formação sobre *Marketing Cultural e Comunicação em Museus*: 16–19 de Junho, no Museu de Aveiro.

Mais informações: <http://www.patrimoniocultural.pt>

Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais | 1 de Junho

Org. Acesso Cultura | Horário: 9h30 - 13h30 e 14h00 - 17h00 | Teatro Carlos Alberto, Porto

O contacto e interação com pessoas com necessidades especiais - visitantes, espectadores, artistas, colegas - cria muitas vezes algum desconforto. Como tratá-las? Como chamá-las? Oferecer ajuda? Como e quando? Quais as suas necessidades específicas? De que forma podemos promover a inclusão, sem ofender e sem ser paternalista? Este curso irá procurar desmistificar algumas situações e ajudar a entender melhor outras, promovendo uma relação descontraída e mais natural entre quem tem e quem não tem necessidades especiais, assim como um atendimento mais adequado.

Mais informações: <http://acessocultura.org/>

Curso online Museum Studies Mooc | A partir de 1 de Junho

Org. University of Leicester e National Museums Liverpool (Reino Unido)

“Moocs” são cursos leccionados via internet e com uma participação ilimitada. Este curso, *The Behind the Scenes at the 21st Century Museum Mooc*, é uma parceria entre a Universidade de Leicester e os museus de Liverpool. Trata-se de um curso de duas horas por semana durante seis semanas. O curso organiza-se a partir da plataforma *Future Learn*.

Mais informações: <https://www.futurelearn.com/courses/museum>

Chamada para propostas

Dia Internacional dos Museus (18 de Maio): convite à divulgação e partilha de eventos

Org. ICOM Internacional

Celebrado desde 1977, o Dia Internacional de Museus é uma oportunidade para dar atenção a temas que preocupam a comunidade profissional e a sociedade em geral. Para o ano de 2015, o tema é *Museus Para uma Sociedade Sustentável*. Este ano o ICOM Internacional coloca à disposição dos museus e dos seus membros, uma plataforma de utilização que permitirá divulgar e partilhar as actividades e eventos do Dia Internacional de Museus, através de um mapa interactivo. Os interessados deverão submeter as informações através da seguinte plataforma: <http://museu.ms/join?r=IMD2015> (é necessário um registo na plataforma). No *website* do [ICOM Internacional](#) encontra mais informações sobre esta temática e sugestões sobre como [programar](#) para o Dia Internacional de Museus (cf. [Kit for Museums](#)). No Dia Internacional dos Museus partilhe as suas imagens nas redes sociais. No Facebook e no Twitter, use o *hashtag* #DiadosMuseus2015 e/ou #MuseumDay para dar a conhecer ao mundo inteiro o melhor do seu museu.

Acompanhe o Dia Internacional dos Museus no Facebook:

<https://www.facebook.com/internationalmuseumday>

ICOM News: chamada para contribuições | Prazo limite: 15 de Maio

Org. ICOM Internacional

O *ICOM News* é uma publicação do ICOM Internacional que pretende ser uma plataforma de partilha de estudos de caso e de práticas museológicas inovadoras, sugerindo um conjunto de orientações práticas aos profissionais de museus. O número de Julho de 2015 inclui as seguintes temáticas: *Arquitectura de Museus* (secção “Relatório Especial”), *Técnicas de Curadoria* (secção “Estudos de Caso”) e *Museus Para Uma Sociedade Sustentável* (secção “Em Foco”). Os autores interessados devem enviar resumos de 200 a 300 palavras (inglês, francês ou espanhol) para sara.heft@icom.museum.

Mais informações: <http://archives.icom.museum>

EMYA 2016: candidaturas | Prazo limite: 31 de Maio

Org. Fórum Europeu de Museus

Está aberto o período de candidaturas para o prémio de Museu Europeu do Ano 2016 e Prémio do Conselho da Europa. Para concorrer a estes prémios os museus deverão consultar o documento com as especificações para a candidatura (em inglês) e o documento com respostas a perguntas frequentemente colocadas sobre o processo e sobre os prémios.

Mais informações: <http://www.icom-portugal.org>

*Conferência anual *Meu, Teu, Nosso. Modelos de Projectos Participativos*: chamada para contribuições | Prazo limite: 15 de Junho*

Org. Acesso Cultura

Chamada para comunicações para a conferência deste ano, dedicada a modelos de projectos participativos (12 de Outubro, no Museu do Oriente).

Mais informações: <http://acessocultura.org/encontros/conferencia-anual/>

*Semana Acesso Cultura - *Portas Abertas* (15–21 de Junho): convite à participação*

Org. Acesso Cultura

A 2.^a edição da Semana Acesso Cultura terá como tema a exploração da luz, aproveitando o facto deste ano ser o [Ano Internacional da Luz](#). A luz é um elemento fundamental tanto em contexto museológico como no contexto das artes performativas. A nossa sugestão é a organização de visitas (nas reservas ou exposições de museus, nos laboratórios de conservação de arquivos e bibliotecas, nas salas de espectáculo, etc.) onde as pessoas interessadas e não especialistas nesta matéria possam aprender algo sobre o efeito (nocivo ou potenciador) deste elemento. As visitas poderão ser realizadas por curadores, conservadores, especialistas em luminotecnica ou técnicos de luz.

Mais informações sobre como participar: <http://acessocultura.org>

Colabore com o ICOM Portugal

Já conhece a página de Facebook do ICOM Portugal? Visite, comente e partilhe conteúdos em: <https://www.facebook.com/icomportugal>

O próximo boletim ICOM Portugal será dedicado ao património industrial. Caso queira sugerir conteúdos contacte-nos para saber como (envio de sugestões até 5 de Junho), através do email: boletim.icom.pt@gmail.com (Ana Carvalho).

FICHA TÉCNICA

Boletim ICOM Portugal, Série III, N.º 3, Maio 2015 | ISSN 2183-3613

Este boletim é uma edição da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM Portugal). Publica-se três vezes por ano (Janeiro, Maio e Setembro). As opiniões expressas nos textos assinados são da inteira responsabilidade dos seus autores, não reflectindo necessariamente os pontos de vista do ICOM Portugal.

O boletim adopta a antiga ortografia.

Editora: Ana Carvalho | Colaboraram nesta edição: Alexandre Matos, Clara Frayão Camacho, Cláudia Storino, Dália Paulo, Gabriela Carvalho, Inês Bettencourt da Câmara, Joana Sousa Monteiro, José Alberto Ribeiro, José Gameiro, Lorena Sancho Querol, Luís Raposo, Manuel Bairrão Oleiro, Manuela Gallego, Maria de Jesus Monge, Maria João Pinto, Mário Antas, Mário Chagas, Marta Morais, Pedro Pereira Leite, Rui Silvestre e Sérgio Gorjão. Um agradecimento especial a Inês Ferreira e a Elsa Catarina Rodrigues.

Design: Maria van Zeller, Sistemas do Futuro | Imagem da capa: Parque de Serralves, Alameda dos Liquidambares © Fundação Serralves